

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

CRISTIANA APARECIDA REIMANN DO NASCIMENTO

A NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS FALADO EM VITÓRIA/ES

VITÓRIA
2014

CRISTIANA APARECIDA REIMANN DO NASCIMENTO

A NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS FALADO EM VITÓRIA/ES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, na área de concentração Estudos Analítico-Descritivos da Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lilian Coutinho Yacovenco

VITÓRIA

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

N244n Nascimento, Cristiana Aparecida Reimann do, 1977-
A negação no português falado em Vitória/ES / Cristiana Aparecida
Reimann do Nascimento. – 2014.
98 f. : il.

Orientador: Lilian Coutinho Yacovenco.
Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal
do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Sociolinguística. 2. Língua portuguesa - Português falado. 3. Língua
portuguesa – Negação. 4. Língua portuguesa – Variação. 5. Língua portuguesa
– Brasil. I. Yacovenco, Lilian Coutinho. II. Universidade Federal do Espírito
Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

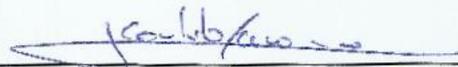
CRISTIANA APARECIDA REIMANN DO NASCIMENTO

“A NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS FALADO EM VITÓRIA/ES”.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

Aprovada em 16 de maio de 2014.

Comissão Examinadora:



Prof^ª. Dr^ª. Lilian Coutinho Yacovenco (UFES)
Orientadora, Presidente da Sessão e da Comissão Examinadora



Prof^ª. Dr^ª. Maria Marta Pereira Scherre (UFES)
Membro Titular Interno da Comissão Examinadora



Prof. Dr. Ronald Beline Mendes (USP)
Membro Titular/Externo da Comissão Examinadora

Dedico à minha mãe *Ivone Reimann*, razão da minha vida!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois, sem Ele, eu nada seria.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Lilian Coutinho Yacovenco, pela paciência, pelo carinho, pelo comprometimento e grande incentivo a esta pesquisa. Agradeço pela orientação, por sua dedicação em todos os momentos deste estudo, pela generosidade e por ser sempre tão amiga.

À professora Dr^a Maria Marta Pereira Scherre, pelo carinho e pelas valiosas contribuições.

Ao professor Dr. Ronald Beline Mendes, pelas sugestões e direcionamentos apontados desde a primeira apresentação deste trabalho.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Linguística, pela contribuição na construção do meu conhecimento.

À minha família pela compreensão e pelo carinho nas horas mais difíceis.

Ao meu marido Adenilson, por acreditar em mim e sempre me incentivar, meu amor e companheiro de todos os momentos.

Às amigas, Melina de Figueiredo Leite e Camila Candeias Foeger, por todos os momentos que passamos juntas compartilhando alegrias e aflições.

Aos colegas do mestrado, por compartilharem os mesmos sentimentos, as mesmas angústias e as recompensas que virão.

Às queridas amigas e colegas de trabalho Araceli Verónica F. N. Ribeiro, Tereza Cristina Dias, Cynthia Nunes Milanezi, Priscila Lopes Roldi Azevedo, Karina Alves de Castro Pinto, Thaiz Dias de Azevedo, Maria Dorotéa dos Santos Silva pela compreensão, apoio e incentivo, e em especial, a Cristiane Tenan S. dos Santos, por ter me apoiado em todos os momentos e contribuído para que eu conseguisse

cursar esse mestrado, e a Louise Dável de Moura, sem a sua ajuda eu não teria chegado até aqui. Sou eternamente grata por tudo que fizeram por mim.

Ao querido Lauro Sá, pela amizade e pelo apoio.

Agradeço a todos os meus amigos que torceram por mim, especialmente a Kelly Cristina Lima, uma grande amiga com quem compartilhei vários momentos da minha vida.

Por fim, agradeço a todos os que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Posso todas as coisas naquele que me fortalece (Filipenses, 4:13).

RESUMO

Todas as línguas possuem algum recurso para expressar a negação verbal, porém cada uma apresenta estratégias próprias para sua realização. No português brasileiro (PB), há três estratégias de negação: 1) pré-verbal (Não+SV); 2) dupla negação (Não+SV+Não) e 3) pós-verbal (SV+Não). À luz da Sociolinguística Variacionista e com base na amostra PortVix (*Português Falado na Cidade de Vitória*), que tem por parâmetros sociais o gênero/sexo do falante, sua faixa etária e seu nível de escolaridade, o presente trabalho analisa a variação no uso das estruturas de negação no português falado na cidade de Vitória/ES, a fim de situar, a partir desse fenômeno, a variedade capixaba no cenário do PB. Também toma por base a proposta de Schwenter (2005) de que as três variantes se alternam apenas quando o conteúdo negado é ativado no discurso. Sendo assim, se a proposição negada apresentar um estatuto de uma informação nova, apenas a negação pré-verbal pode ser empregada. Desse modo, em nossa pesquisa, buscamos entender quais fatores influenciam a alternância das formas de negação e verificar os contextos linguístico-discursivos que comportam essa variação. Ao confrontarmos nossos resultados com os de outras pesquisas, observamos que a dupla negação é bastante produtiva na fala capixaba, representando 21,1% de um total de 2263 dados. Ao realizarmos rodadas em que foram amalgamadas duas variantes e contrapostas a uma outra, foram selecionados pelo programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e, portanto, considerados estatisticamente relevantes para a dupla negação, os seguintes fatores: as sequências dialogais, a ausência de reforço negativo, a ausência de marcadores conversacionais e as orações absolutas. Para a negação pós-verbal, foram selecionadas as seguintes variáveis: as proposições negadas diretamente ativadas e as sequências dialogais. Para a negação pré-verbal, os fatores estatisticamente relevantes foram: as sequências narrativas e as argumentativas, a presença de reforço negativo, a presença de marcadores conversacionais, as orações principais e o gênero masculino. Os resultados revelaram que a variação no uso das estruturas negativas é um fenômeno marcadamente discursivo, mas também com atuação de alguns fatores sintáticos.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista; negação; português falado em Vitória.

ABSTRACT

All languages have some way to express verbal denial, but each one has its own strategies for their achievement. In Brazilian Portuguese (BP), there are three strategies of denial: 1) preverbal (No+SV); 2) double denial (No+SV+No) and 3) postverbal (SV+No). In light of Variationist Sociolinguistics and based on the sample PortVix (*Portuguese spoken in the City of Vitoria*), which has as social parameters gender/sex of the speaker, their age and their level of education, this study examines the variation in the use of structures of denial in Portuguese spoken in the city of Vitoria/ES, in order to place, from this phenomenon, capixaba variety in Brazilian Portuguese. This study is also based upon the proposal of Schwenter (2005) that the three variants alternate only when denied content is activated in speech. Thus, if the proposition denied conveys a status of new information, just preverbal negation can be employed. Thereby, in our research, we seek to understand what factors influence the alternation of forms of denial and verify the linguistic-discursive contexts that bring this variation. When we compared our results with those of other studies, we found that double denial is quite productive in capixaba speech, representing 21.1 % of a total of 2263 data. When performing rounds in which two variants were amalgamated and opposed to one another, were selected by the program Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE and SMITH, 2005) and, therefore, considered statistically relevant to the double denial the following variables: the dialogical sequences, the absence of negative reinforcement, the absence of conversational markers and complete sentences. For postverbal negation, the following variables were selected: denied propositions directly activated and dialogical sequences. For pre-verbal negation, the statistically significant factors were: narrative and argumentative sequences, the presence of negative reinforcement, the presence of conversational markers, main clauses and male gender. The results revealed that the variation in the use of negative structures is essentially a discursive phenomenon, but this variation is also influenced by some syntactic factors.

Keywords: Variationist Sociolinguistics; denial; portuguese spoken in Vitoria.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Negação no PB, por <i>status</i> informacional da proposição negada.....	35
Quadro 2: Reformulação do modelo de Schwenter (2005) para a variedade paulistana	36
Quadro 3: Distribuição das células sociais do PortVix.....	45
Quadro 4: Distribuição das células sociais.	48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição das estruturas negativas em diferentes localidades urbanas.	29
Gráfico 2: Estruturas não canônicas na variável escolaridade	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição da negação em diferentes localidades urbanas.....	27
Tabela 2: Distribuição da negação de acordo com a variável <i>status</i> informacional do discurso.....	37
Tabela 3: Distribuição das construções negativas na fala de Vitória.....	69
Tabela 4: Distribuição da negação em diferentes localidades urbanas.....	70
Tabela 5: Efeito da variável tipo de sequência discursiva	72
Tabela 6: Efeito da variável ausência/presença de marcador conversacional	74
Tabela 7: Efeito da variável ausência/presença de reforço negativo	76
Tabela 8: Efeito da variável tipo de oração	79
Tabela 9: Efeito da variável <i>status</i> informacional do discurso	82
Tabela 10: Efeito da variável gênero/sexo	83
Tabela 11: Variáveis não selecionadas.....	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - A NEGAÇÃO	18
1.1 A COEXISTÊNCIA DE TRÊS FORMAS DE NEGAÇÃO NO PB.....	18
1.2 ESTUDOS SOBRE A NEGAÇÃO NO PB	25
1.3 ESTRUTURAS NEGATIVAS: FORMAS VARIANTES	30
CAPÍTULO II - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	39
2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	39
2.2 VITÓRIA: A CAPITAL CAPIXABA	43
2.3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	46
CAPÍTULO III – DELIMITAÇÃO DAS VARIÁVEIS	50
3.1 A VARIÁVEL DEPENDENTE	50
3.2 AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES	51
3.2.1 Fatores sociais	52
3.2.2 Fatores linguísticos.....	56
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	69
4.1 TIPO DE SEQUÊNCIA DISCURSIVA	71
4.2 AUSÊNCIA OU PRESENÇA DE MARCADORES CONVERSACIONAIS.....	74
4.3 AUSÊNCIA OU PRESENÇA DE REFORÇO NEGATIVO	76
4.4 TIPO DE ORAÇÃO.....	78
4.5 <i>STATUS</i> INFORMACIONAL DO DISCURSO	81
4.6 GÊNERO/SEXO	83
4.7 VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	92

INTRODUÇÃO

A língua é dinâmica e está sujeita a variações e mudanças ao longo do tempo. Partindo do pressuposto de que a variação é inerente aos sistemas linguísticos, na Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]), a língua é concebida como uma entidade heterogênea e ordenada, e seus estudos se concentram na relação entre língua e sociedade, tendo correlacionados aspectos linguísticos e sociais na investigação de fenômenos variáveis.

Segundo palavras de Mollica (2007, p. 10), na Sociolinguística Variacionista, a língua é estudada em seu real contexto de uso, sendo observados e analisados fatores linguísticos e sociais que motivam a variação, entendida como geral e universal que pode ser descrita e analisada cientificamente. A autora, ao abordar a Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por Labov, destaca que a heterogeneidade linguística é ordenada, isto é, regulada por regras variáveis que contribuem para favorecer o emprego de uma ou outra variante, em determinados contextos linguísticos e/ou extralinguísticos. Essa perspectiva teórica permite que se deduza que a variação não é livre, mas, sim, condicionada por fatores internos e externos à língua.

O presente trabalho, à luz da Sociolinguística Variacionista, analisa a variação de uso das três estruturas de negação presentes no português brasileiro (PB). Nosso objetivo é descrever as construções negativas no português falado em Vitória/ES e identificar as variáveis sociais e linguísticas que atuam sobre o fenômeno investigado. As três estratégias de negação verbal presentes no PB podem ser caracterizadas da seguinte forma¹:

NEGAÇÃO PRÉ-VERBAL – a negação pré-verbal, como indica a própria nomenclatura, caracteriza-se por a partícula negativa *se* antepor ao verbo (Não+SV), como no exemplo abaixo, extraído do PortVix.

[...] **eu não sei o percentual**, mas tem que ter tanto de mestre, tanto de doutor...
[F- EU - > 49 anos]

¹ As letras entre colchetes indicam o gênero/sexo (M – masculino e F – feminino) e o nível de escolaridade (EF – ensino fundamental, EM – ensino médio, EU – ensino universitário).

DUPLA NEGAÇÃO – caracteriza-se pela existência de duas partículas negativas, uma na posição pré-verbal e, outra, na pós-verbal (Não+SV+Não), como no exemplo abaixo, extraído do PortVix.

[...] gosto de ver comédia, muito legal. Gosto de todos. **Não tenho preconceito com filme não.** [M – EU - 15 a 25 anos]

NEGAÇÃO PÓS-VERBAL – como indica a própria nomenclatura, caracteriza-se por a partícula negativa ocorrer após o verbo (SV+ Não), como no exemplo a seguir, também extraído do PortVix:

Casou! Esses dias agora ... Foi quando? Em janeiro, eu acho. **Tem muito tempo não.** [F – EF - 15 a 25 anos]

Ao longo deste estudo, são também utilizados os termos “canônica” e “padrão” para referência à negação pré-verbal, estrutura registrada pela gramática, e os termos “não canônica” e “não padrão” para referência à dupla negação e à negação pós-verbal.

Schwenter (2005), ao analisar construções negativas do português brasileiro sob a ótica da Pragmática, constatou que as três formas negativas não são intercambiáveis em qualquer contexto. Para o autor, a negação pré-verbal não apresenta restrições e pode ser empregada sempre que for possível o uso de dupla negação e de negação pós-verbal. Todavia, o contrário nem sempre é possível, pois o uso dessas duas estruturas só ocorre quando o conteúdo negado é ativado no discurso. Quando a proposição negada apresenta um estatuto de uma informação nova, somente a negação pré-verbal pode ser empregada.

Desse modo, na descrição dos usos das estruturas negativas na fala capixaba, analisamos qualitativamente os contextos com informação ativada e com informação nova no discurso. Verificamos que a proposta de Schwenter era ratificada também na fala capixaba: se a proposição negada apresenta um estatuto de uma informação nova, somente a negação pré-verbal pode ser empregada. Dessa forma, para a análise quantitativa dos dados, consideramos apenas os contextos em que as três estratégias de negação funcionam como formas variantes,

ou seja, contextos em que a informação negada é discursivamente ativada (cf. capítulo 1).

O *corpus* que serviu de base para este estudo é composto por dezoito entrevistas extraídas da amostra que compõe o projeto PortVix (*Português Falado na Cidade de Vitória*), de orientação variacionista, constituída por quarenta e seis entrevistas, com gravações realizadas no período entre 2001 e 2003 (YACOVENCO *et al*, 2012).

A variação das três estruturas de negação no PB tem sido objeto de pesquisas de natureza sociolinguística ou funcionalista em algumas regiões do Brasil. Destacamos as de Roncarati (1996), Furtado da Cunha (2000), Alkmim (2001), Rocha (2013) e Goldnadel *et al* (2013), cujos resultados são relevantes para esta pesquisa, pois nos permitem verificar a variação no uso da negação em diferentes variedades linguísticas, além de nos permitirem verificar o alinhamento da fala capixaba em relação a outras localidades urbanas no cenário do PB (cf. seção 1.2).

Nosso estudo foi orientado pelas seguintes hipóteses: a) na variedade capixaba há um uso expressivo de dupla negação, b) a negação é um fenômeno sensível a fatores discursivos, c) as sequências dialogais favorecem fortemente as estruturas não canônicas e d) a localização geográfica é um fator importante na distribuição das estruturas negativas.

Para o tratamento dos dados, utilizamos o programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), que analisa múltiplas variáveis e apresenta os cálculos percentuais e os pesos relativos, os quais nos permitem analisar o grau de relevância estatística de uma variável em relação à outra. Assim, podemos verificar o comportamento desse fenômeno variável na fala capixaba.

A partir da delimitação das variáveis consideradas relevantes para a análise do fenômeno em tela (cf. capítulo 3), acreditamos que podemos contribuir com as pesquisas que têm sido feitas em outras localidades, com o intuito de entender o uso variável das três estruturas negativas presentes no PB. Nossa intenção é agregar novos dados aos já existentes e ampliar a compreensão dos fatores que regulam a variação da negação.

O presente trabalho está desenvolvido em quatro capítulos. No primeiro, fazemos uma explanação acerca da negação, com algumas considerações a respeito da coexistência de três estruturas negativas no PB, que têm sido estudadas como um fenômeno de mudança sintática em curso. Na sequência, apresentamos alguns estudos sobre essa temática realizados em diferentes regiões do Brasil com o intuito de verificar o alinhamento da capital capixaba com outras variedades do PB. Por último, realizamos uma discussão acerca da equivalência semântica entre as variantes analisadas.

No capítulo 2, apresentamos os fundamentos teóricos que norteiam esta pesquisa, bem como os procedimentos metodológicos adotados para sua realização e retratamos a comunidade de fala capixaba.

No capítulo 3, descrevemos a variável dependente e as independentes consideradas nesta pesquisa, destacando sua relevância para o fenômeno em análise.

No capítulo 4, apresentamos os resultados alcançados e sua análise, de acordo com a relevância das variáveis utilizadas. Por fim, são apresentadas as considerações finais, observando-se as principais reflexões com relação à análise dos resultados.

CAPÍTULO I - A NEGAÇÃO

A negação é um fenômeno linguístico que pode apresentar formas alternativas de realização em uma mesma língua. Em um estudo sobre a negação em inglês e outros idiomas, Jespersen (1917) observou que a posição da partícula negativa na estrutura frasal pode indicar diferentes etapas de um processo de mudança linguística.

Desse modo, na seção 1.1, lançamos algumas considerações com relação à coexistência de três estruturas negativas no PB, que têm sido estudadas como um fenômeno de mudança sintática em curso, tendo como referência o ciclo de Jespersen.

Na seção 1.2, apresentamos algumas pesquisas funcionalistas e sociolinguísticas, sobre a negação no PB, pois com base nelas é possível observar se as diferenças geográficas podem influenciar na escolha das variantes e verificar o alinhamento da capital capixaba com outras variedades do PB.

Por fim, tendo em vista que nossa variável é de natureza sintática, na seção 1.3, apresentamos uma discussão acerca da equivalência semântica entre as variantes, na busca de explicitar que a negação pré-verbal, a dupla negação e a negação pós-verbal são variantes de uma mesma variável.

1.1 A COEXISTÊNCIA DE TRÊS FORMAS DE NEGAÇÃO NO PB

A negação é um fenômeno linguístico comum a todas as línguas do mundo e cada uma delas apresenta estratégias próprias para sua realização.

No português brasileiro (PB), conforme visto na introdução, há pelo menos três formas de se negar uma sentença:

1) NEGAÇÃO PRÉ-VERBAL: Não + SV

E1 - O quê que você acha que essas pessoas às vezes tentam suicídio, essas coisas assim.

Inf.: Ah, **não tem a vida muito boa...** sei lá. [M – EF – 15 a 25 anos]

2) DUPLA NEGAÇÃO: Não + SV + Não

E 1 – Se você tivesse assim muito dinheiro o quê que você faria. O que que você gostaria de comprar?

Inf.: ah, compraria uma casa pra mim morar com a minha mãe com meu pai.

E 1 – e carro assim

Inf.: compraria carro também... só que eu **não tenho idade ainda não**... compraria pro meu pai...
[M – EF – 15 a 25 anos]

3) NEGAÇÃO PÓS-VERBAL: SV + Não

E 1 – E você já correu algum risco assim no mar dessa vez que você caiu?

Inf.: não, não, não... nunca

E 1 – quase afogar

Inf.: não, não ...ainda não

E 1 – você tem medo?

Inf.: **tenho não**. [M – EF – 15 a 25 anos]

Os trechos de entrevista apresentados mostram que não há diferença no significado proposicional das três sentenças negativas, que se distinguem apenas quanto à posição do advérbio *não* na oração. Em outras palavras, nas três situações observadas, a estrutura utilizada em cada uma delas poderia ser substituída pelas demais, sem haver prejuízo no significado das sentenças negadas.

A negação pré-verbal é a forma padrão, mais utilizada em todas as variedades do PB e sua distribuição funcional não apresenta restrições. A negação pós-verbal é menos frequente, utilizada em situações mais específicas e costuma ser vista como uma variante característica da fala nordestina (RONCARATI, 1996; FURTADO DA CUNHA, 2000; SCHWENTER, 2005).

O uso da dupla negação, por sua vez, tem suscitado hipóteses dentro da literatura. Alguns autores (LEMLE, 1978; RONCARATI, 1996; FURTADO DA CUNHA, 1996, 2001) entendem a dupla negação como reforço. Esta estrutura também costuma ser vista como parte de um estágio de mudança linguística envolvendo a posição da negação no PB (SALLES FILHO, 1980; FURTADO DA CUNHA, 1996, 2001), similar ao ocorrido na língua francesa, conhecido como ciclo de Jespersen.

O ciclo de Jespersen consiste em um processo histórico de mudança linguística em que o operador negativo passa da posição pré-verbal para a posição pós-verbal, tendo um estágio intermediário de dupla negação, no qual há a ocorrência conjunta das partículas pré e pós-verbais. O processo é descrito da seguinte forma:

[...] o advérbio negativo original primeiramente se enfraquece, depois é considerado insuficiente e, portanto, reforçado, geralmente através de alguma palavra adicional, e esta, por sua vez, pode ser entendida como a negativa adequada. No decorrer do tempo, pode, então, estar sujeita ao mesmo desenvolvimento que a palavra original (Jespersen 1917, p. 4. Tradução nossa)².

A língua francesa passou por esse processo e desenvolveu diacronicamente um segundo marcador negativo *pas*, que passou a coocorrer com o marcador pré-verbal *ne*.

Segundo Jespersen (1917, p. 7), no período arcaico, a negação em francês era realizada por meio do operador negativo *ne* anteposto ao verbo:

(1) Jeo *ne* di.

Porém, o marcador pré-verbal *ne* perdeu a capacidade de negar a sentença de modo independente devido ao seu enfraquecimento fonológico, sendo necessária a inserção de uma partícula pós-verbal, usada para acrescentar ênfase à negativa pré-verbal enfraquecida e não mais suficiente para assegurar a interpretação da sentença como negativa.

O reforço fonológico, segundo Jespersen (1917, p. 7), era realizado por diversos elementos, como *mie* (migalha), *point* (ponto) e *pas* (passo). Este último era usado inicialmente como reforço apenas em sentenças com verbos de movimento, mas se expandiu para outros tipos de verbos e passou a expressar ênfase de modo geral, ao mesmo tempo em que adquiria sentido negativo.

² Texto original: [...] the original negative adverb is first weakened, then found insufficient and therefore strengthened, generally through some additional word, and this in its turn may be felt as the negative proper and may then in course of time be subject to the same developments the original word.

Com o passar do tempo e por meio do uso frequente, a partícula pós-verbal tornou-se um elemento obrigatório na construção negativa:

(2) NEG + VERBO + NEG obrigatório = Je *ne* dis *pas*.

O francês moderno está numa etapa intermediária em que coexistem as estruturas [Neg V Neg] e [V Neg]. O *ne* pré-verbal é um elemento opcional constantemente omitido na linguagem coloquial. A partícula *pas* em posição pós-verbal é que nega a sentença³.

(3) Jeo *ne* di (francês antigo)

(4) Je *ne* dis *pas* (francês contemporâneo)

(5) Je dis *pas* (francês coloquial contemporâneo)

É possível que o marcador pré-verbal *ne*, com o tempo, se torne um elemento obsoleto e a negação na língua francesa seja realizada apenas na forma pós-verbal, finalizando o ciclo.

A coexistência de três estruturas de negação no PB nos faz refletir sobre um possível processo de mudança linguística em andamento, tendo como ponto de partida o enfraquecimento fonológico do *não* em posição pré-verbal, assim como ocorreu no francês.

Nesse caso, a redução do *não* para *num* sinalizaria um enfraquecimento do marcador negativo pré-verbal que, para assegurar a interpretação negativa da sentença, precisaria de um reforço enfático operado pela partícula final. Esta, com o tempo, se tornaria um elemento obrigatório, levando à realização da negação pós-verbal na língua portuguesa.

Furtado da Cunha (1996), em um estudo de base funcionalista, faz um paralelo sobre o processo de mudança do francês e o português e apresenta a redução fonológica do *não* para *num* como a causa do aparecimento do segundo *não* em estruturas com dupla negação. De acordo com a autora (1996, p. 104):

³ Exemplos de Jespersen (1917, p. 7).

Essas semelhanças autorizam a interpretação de que a negativa dupla no português de Natal está em processo de gramaticalização. Após um estágio de estabilidade dessa estrutura, com a co-ocorrência dos dois marcadores negativos, é de se esperar que, na fala, o *não* que antecede o SV seja completamente omitido, via reanálise, tendo como resultado a estrutura **SV+não**, que, por sua vez, passa a sofrer o processo de gramaticalização, a exemplo do que se deu no francês.

Essa hipótese funcionalista foi testada por Alkmim (2001) e não foi confirmada a correlação entre a redução do *não* pré-verbal e o aparecimento do segundo *não* na estrutura com dupla negação.

Alkmim (2001) analisou a redução fonológica da partícula *não* para *num* e encontrou 69% de casos de redução. Na correlação entre a realização do *não* pleno e o *num* reduzido a autora encontrou peso relativo de .50 para dupla negação com a partícula *num* e .49 com o *não* pleno, revelando que esse fator não é quantitativamente significativo. Além disso, na correlação por idade, os dados mostraram que o *num* é levemente mais frequente entre os idosos, com peso relativo de .55 contra .48 para os medianos e .47 para os jovens. Tais resultados, segundo a autora, não corroboram a hipótese do enfraquecimento fonológico do *não* pré-verbal como a origem para o surgimento do segundo *não* no PB (op. cit. p.153-155).

Vale destacar que o PB apresenta simultaneamente as três formas alternativas de negação, diferenciando-se, portanto, do francês que ao longo do tempo deixou de apresentar a negação pré-verbal operada apenas pela partícula *ne* anteposta ao verbo. Além disso, no PB ocorre uma repetição do mesmo operador de negação ao passo que o *pas* do francês é um elemento originalmente sem valor negativo que adquiriu tal traço por seu uso frequente. Segundo Schwegler (1991) no PB “o aparecimento de uma partícula negativa final idêntica à pré-verbal é uma evidência irrefutável de que a introdução do segundo *não* não é uma estratégia de reparo, para compensar o enfraquecimento do primeiro *não*” (apud ALKMIM, 2001, p. 68).

Com base no exposto, observa-se que o surgimento da dupla negação no PB parece não se enquadrar nessa hipótese. Além disso, cumpre salientar que o ciclo

de Jespersen, conforme visto anteriormente, prevê que o operador negativo pré-verbal perca a capacidade de negar independentemente a sentença devido ao desgaste fonológico, o que não acontece no PB, cujo marcador pré-verbal é capaz de negar a sentença de modo independente, mesmo reduzido para *num* (átone), sem que haja a necessidade de outro elemento para assegurar o sentido negativo da oração, conforme podemos observar no exemplo (6).

- (6) E1 – Não viu que tava sangrando?
 Inf.: **Num vi.** [F – EU – 26 a 49 anos]

Na literatura, há ainda outras hipóteses destinadas a explicar a origem das estruturas não canônicas no PB, tais como o contato entre a língua portuguesa e línguas africanas dos grupos banto e kwa (MELLO *et al*, 1998, SOUZA e LUCCHESI, 2004; BONVINI, 2008, entre outros) e a incorporação do segundo *não* à estrutura oracional por um processo de gramaticalização (ALKMIM, 2001).

No primeiro caso, a dupla negação teria se originado do contato entre a língua portuguesa com as línguas de escravos africanos. Segundo essa hipótese, a convivência entre os africanos e os portugueses teria ocasionado uma situação de bilinguismo, uma vez que os africanos tinham sua própria língua, mas tiveram de aprender a língua portuguesa e, nesse processo, algumas características das línguas africanas teriam sido transportadas para a língua portuguesa, entre elas, a dupla negação e a negação pós-verbal.

De acordo com Petter (2004, p. 271), no quicongo, uma língua do grupo banto, a negação é duplamente marcada com o morfema /kè-/ anteposto à base verbal e o morfema /kò/ posposto a ela.

- (7) **kètùidiikò**
 /ke - tù + O + di + IDI / kò/
 /neg – IS + imediato + base verbal – aspecto / neg/
 /não/ nós + imediato+ comer– acabado / não/
 ‘Nós não comemos’

Nesta perspectiva, Mello *et al* (1998) salientam que a dupla negação e a negação pós-verbal encontram paralelos em subgrupos de línguas crioulas como o palenquero⁴, por exemplo, e têm sido discutidas à luz do substrato africano.

Esse fato, segundo os autores, poderia explicar o desenvolvimento das estruturas não canônicas no português brasileiro, uma vez que as línguas africanas dos grupos kwa e banto tiveram uma forte presença no Brasil colonial e imperial (op. cit. p. 106).

Alkmim (2001), com base em dados diacrônicos, explica a origem da dupla negação no PB segundo a perspectiva da gramaticalização. Para a autora, o segundo *não* é um item que não fazia parte da oração e que foi a ela incorporado por um processo de gramaticalização, passando a integrar a estrutura sentencial.

A autora considera a presença do pronome de tratamento *senhor* nos diálogos, em expressões como *não senhor*, que inicialmente indicava uma marca de formalidade, como um fator fundamental para a implementação do processo de mudança. Com o tempo, o item *senhor* deixou de ser usado e o *não* se acomodou à oração anterior, passando a fazer parte da estrutura oracional.

Para reconstruir o percurso de mudança, Alkmim investigou o fator ausência/presença de pausa sinalizada por vírgula antes do segundo *não*. A presença da vírgula foi interpretada como uma indicação de que o segundo *não* ainda não fazia parte da oração:

a) [estrutura oracional] + *não senhor* (com o uso da vírgula):

(1) Depois **não** é, **não senhor** (1ª metade do séc. XIX).

b) perda do item *senhor* resultando em [estrutura oracional] + *não* (ainda com o uso da vírgula):

(2) Padre Augusto **não** veio por caridade, **não** (2ª metade do séc. XIX).

c) perda da vírgula e gramaticalização do *não* como em [Não V Não]:

(3) **Não** estou puxando a sardinha para o meu lado **não** (2ª metade do séc. XX).

(ALKMIM, 2001, p. 229).

⁴ Crioulo de base castelhana falado na Colômbia.

Como se vê, há diferentes teorias a respeito da origem da dupla negação que também é vista como um arcaísmo do próprio português antigo (NOLL, 2008). Contudo, não é objetivo deste trabalho discutir a origem das formas não canônicas e nem averiguar a existência de um processo de mudança linguística em curso.

Limitamo-nos a lidar com dados sincrônicos, com o intuito de analisar a variabilidade das três estruturas de negação, identificando os contextos e os fatores que influenciam o emprego de uma ou outra forma, visando a ampliar a compreensão dos condicionamentos para a escolha das variantes.

Com vistas a situar a variedade linguística capixaba no cenário do PB e verificar a distribuição geográfica das estruturas de negação, na próxima seção apresentamos alguns estudos sobre as negativas desenvolvidos nas regiões nordeste, sudeste e sul do Brasil.

1.2 ESTUDOS SOBRE A NEGAÇÃO NO PB

As diferentes formas de realização da negação no PB foram tema de alguns estudos de natureza sociolinguística ou funcionalista (RONCARATI, 1996; FURTADO DA CUNHA, 2000; ALKIMIM, 2001; ROCHA, 2013; GOLDNADEL *et al*, 2013). Esses estudos mostram a distribuição de uso das estruturas negativas em diferentes variedades linguísticas e nos permitem verificar o alinhamento da variedade capixaba com outras variedades do PB.

Na tabela 1, temos os resultados de oito localidades urbanas incluindo-se Vitória/ES. Os dados apresentados são oriundos das pesquisas de Roncarati (1996), na cidade de Fortaleza (CE); Furtado da Cunha (2000), na cidade de Natal (RN); Alkmim (2001), na cidade de Mariana (MG); Rocha (2013), na cidade de São Paulo (SP) e Goldnadel *et al* (2013), nas cidades de Curitiba (PR), Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS). Essas pesquisas foram realizadas com amostras compostas por entrevistas, sendo uma delas, a de Natal, composta por uma amostra conversacional, conforme Furtado da Cunha (2000).

Embora as três estruturas negativas sejam empregadas como formas variantes, há algumas distinções no que se refere à frequência de uso, à distribuição geográfica e ao contexto discursivo em que são utilizadas.

A dupla negação e a negação pós-verbal são mais comuns na língua falada e parecem ser mais recorrentes em sequências dialogais, em que há mais trocas de turno entre os falantes. Pesquisas como as de Furtado da Cunha (2000), Rocha (2013) e Goldnadel *et al* (2013) revelam que o contexto de interação pergunta-resposta tem se mostrado o mais propício ao uso das estruturas não canônicas, enquanto no discurso livre há uma predominância da negação pré-verbal.

Nessa perspectiva, é possível que o instrumento de coleta de dados influencie o índice de uso de cada uma das variantes. Por esse motivo, o tipo de *corpus* utilizado pode ser relevante na análise. Na presente pesquisa, utilizamos uma amostra composta por entrevistas sociolinguísticas pertencentes ao banco de dados do PortVix (*Português Falado na Cidade de Vitória*) e pudemos constatar que os diálogos favorecem fortemente as estruturas não padrão, com pesos relativos de .78 para a dupla negação e .83 para a negação pós-verbal (cf. Capítulo 4). Já as sequências mais longas com poucas trocas de turno, como a narração e a argumentação, favorecem a negação pré-verbal, com pesos relativos de .58 e .63, respectivamente.

Furtado da Cunha (2000) fez um levantamento das frequências de usos das três formas de negação na fala de Natal/RN com base no *corpus* D&G (Discurso e Gramática) e verificou uma baixa frequência das estruturas não padrão, sobretudo, da negação pós-verbal, que é uma variante relativamente comum na fala nordestina. Assim, a autora constatou que o instrumento de coleta de dados pode influenciar a frequência de uso das estruturas negativas, tendo em vista que o D&G é composto por gravações de relatos produzidos pelos falantes, com pouca tomada de turno pelo interlocutor.

Dessa forma, segundo a autora, foi constituído um novo banco de dados, o *Banco Conversacional*, que representa uma amostra de conversação natural entre falantes natalenses com algum grau de familiaridade (FURTADO DA CUNHA, 2000 p. 157).

É interessante observar que há uma diferença na frequência relativa de uso dessas duas formas na cidade de Natal: 9,4% de dupla negação e 0,6% de negação pós-verbal no *corpus* D&G, passando a 20,6% e 13,3%, respectivamente, no *corpus* do Banco Conversacional (FURTADO DA CUNHA, 2000). Desse modo, a natureza do banco de dados utilizado parece ser um fator muito importante no uso das duas formas variantes, já que apresentam índices bastante distintos dentro de uma mesma variedade.

Diante disso, para verificarmos o alinhamento entre as variedades linguísticas, é importante compararmos pesquisas realizadas com amostras colhidas de forma similar, embora haja algumas diferenças entre as formas de coleta de dados. Desse modo, as pesquisas tratadas nesta seção são compostas por entrevistas de base sociolinguística, com exceção de Natal, cuja amostra é conversacional, porém, os resultados são muito parecidos com os de outras variedades do nordeste e sudeste, conforme vemos na tabela 1.

Tabela 1: Distribuição da negação em diferentes localidades urbanas

Cidade	Pré-verbal		Dupla negação		Pós-verbal	
	N	%	N	%	N	%
Vitória (ES)	1751/2263	77,4	478/2263	21,1	34/2263	1,5
Fortaleza (CE)	625/774	77,0	149/774	18,0	39/774	5,0
Natal (RN) Conversacional	308/466	66,1	96/466	20,6	62/466	13,3
Mariana (MG) ⁵	1787/2505	71,5	489/2505	19,5	40/2505	1,5
São Paulo (SP)	5279/5607	94,0	354/5607	5,8	4/5607	0,2
Florianópolis (SC)	1018/1065	95,6	47/1065	4,4	-	-
Curitiba (PR)	1371/1408	97,4	37/1408	2,6	-	-
Porto Alegre (RS)	1402/1410	99,4	8/1410	0,6	-	-

⁵ Alkmim (2001) considerou também estruturas negativas formadas por (item negativo + SV – Ex.: **Nunca** fui ao dentista.), que correspondem a 7,5% de ocorrências.

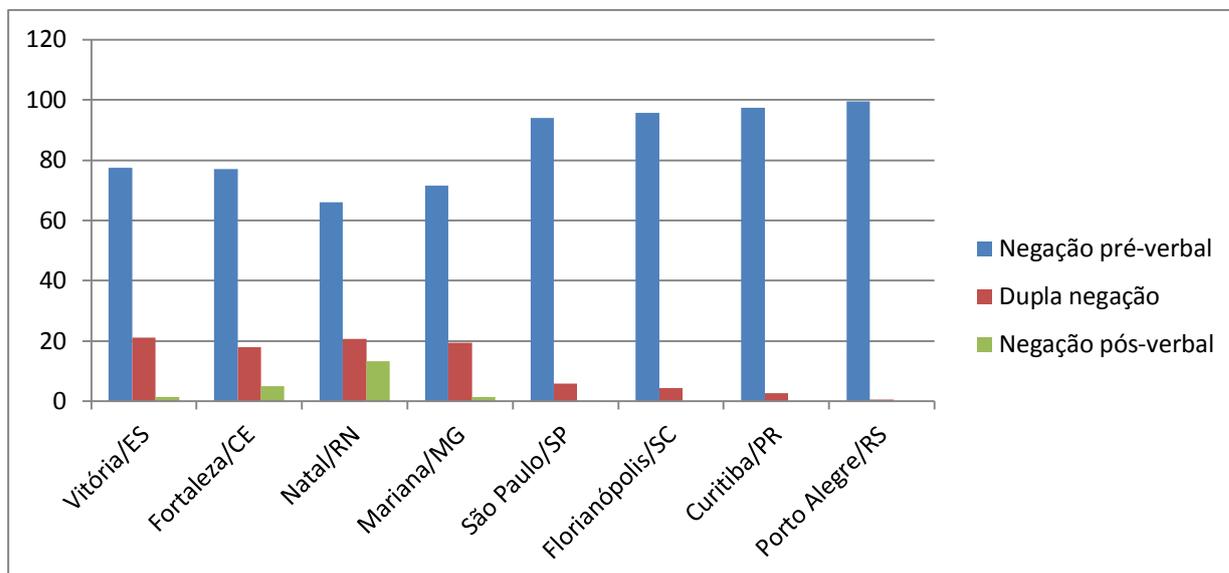
Embora haja uma grande diferença percentual entre o uso da negação pré-verbal em relação à dupla negação e a negação pós-verbal, o número de ocorrências de negação não canônica encontrado nas regiões nordeste e sudeste pode ser considerado significativo.

Na variedade de Vitória/ES, a dupla negação representa 21,1% do total de 2263 dados analisados. Esse percentual assemelha-se aos índices encontrados em estudos relativos a cidades nordestinas, como Fortaleza 18% (RONCARATI, 1996) e Natal 20,6% (FURTADO DA CUNHA, 2000), e à cidade de Mariana (MG) – 19,5% (ALKMIM, 2001). Distancia-se, entretanto, dos resultados encontrados na cidade de São Paulo, com 5,8% de ocorrência (ROCHA, 2013), e das cidades localizadas na região sul, cujos índices não chegam a 5%.

Esses resultados revelam que a distribuição geográfica é um fator que parece influenciar o uso das variantes. Nota-se que a negação pré-verbal é superior às demais estratégias de negação em todas as variedades. O uso da dupla negação, por sua vez, é bastante similar nas cidades pesquisadas nas regiões nordeste e sudeste. São Paulo, entretanto, é a exceção: há predominância avassaladora da pré-verbal (94% do total dos dados), assim como nos dados da região sul do Brasil: há baixa frequência de dupla negação e quase inexistência de negação pós-verbal, apenas 0,2% na cidade de São Paulo e nenhuma ocorrência nas cidades sulistas.

Assim, nota-se que no Brasil há uma grande diferenciação com relação ao uso da negação em cada região. As pesquisas aqui apresentadas parecem confirmar esse fato, uma vez que as capitais nordestinas de Fortaleza e Natal e as cidades de Vitória e Mariana, localizadas no sudeste, porém próximas ao nordeste, apresentam maior índice de negação não padrão, enquanto as cidades sulistas e a cidade de São Paulo, que está próxima da região sul, preservam a forma canônica. Vejamos essa comparação no gráfico 1.

Gráfico 1: Distribuição das estruturas negativas em diferentes localidades



Com base no gráfico 1, verifica-se uma grande incidência de dupla negação na região nordeste e parte da região sudeste, e uma quantidade ainda pequena, porém significativa, de negação pós-verbal no nordeste, reforçando a tese de que esta é uma variante típica da fala nordestina. Na região sul e na cidade de São Paulo, o levantamento das ocorrências mostrou a predominância de negação pré-verbal de quase 100%, revelando tratar-se de áreas mais próximas à forma padrão.

Vitória/ES alinha-se às capitais nordestinas e à cidade de Mariana/MG com relação à dupla negação. Com relação à negação pós-verbal, Vitória está alinhada à cidade de Mariana/MG, uma vez que os resultados são pouco expressivos, comparados às variedades nordestinas.

Em linhas gerais, mesmo que os resultados não representem toda a imensidão do território brasileiro, pode-se dizer, com base nos estudos apresentados, que a diferença geográfica é um fator relevante na distribuição das sentenças negativas. Os dados das regiões nordeste e sul, por exemplo, revelam um contraste entre os usos das formas não canônicas, de modo que a negação pós-verbal chega a não ocorrer na região sul. Já na região sudeste, observa-se que as cidades de Vitória/ES e Mariana/MG apresentam índices semelhantes aos das cidades nordestinas para a dupla negação, o que não ocorre na cidade de São Paulo/SP, onde essa variante é pouco produtiva.

As pesquisas mostradas nesta seção tratam da variação entre as estruturas de negação presentes no PB, indicando que as três formas negativas são variantes de uma variável.

Assim, na próxima seção discutimos a questão da equivalência semântica entre as variantes nos moldes da Sociolinguística Variacionista e delimitamos os contextos em que as três construções negativas são formas alternantes.

1.3 ESTRUTURAS NEGATIVAS: FORMAS VARIANTES

A noção de variável linguística pressupõe a existência de formas alternativas para se dizer a mesma coisa. Em uma pesquisa variacionista, a equivalência semântica entre as variantes é o requisito fundamental que permite analisar diferentes formas como variantes de uma variável. A equivalência semântica se define, segundo Labov (2008, p. 313) quando o valor de verdade é idêntico, mesmo que as variantes sejam distintas em seu valor social ou estilístico.

Essa noção de equivalência semântica entre as variantes é mais nítida no âmbito da fonologia. Nesse campo de estudos foram realizados, inclusive, os primeiros trabalhos quantitativos: o estudo da centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na fala dos nativos da ilha de Martha's Vineyard e a estratificação do /r/ pós-vocálico no inglês nova-iorquino (LABOV, 2008).

Todavia, não tardou muito para que a concepção de variável linguística fosse empregada para realizar análises de fenômenos variáveis em outras áreas, fora do nível fonológico. Essa extensão conceitual, entretanto, suscitou questionamentos como o de Lavandera (1978), por exemplo, por esbarrar na questão da manutenção do mesmo significado das formas alternantes que não se mostra tão evidente quanto na alternância entre variantes fonológicas.

No estudo *Constraints on the agentless passive*, Weiner e Labov (1983 [1977]), consideram a passiva sem agente – *the liquor closet was broken into* (o armário de bebidas foi arrombado) - e a ativa com pronome-sujeito generalizante – *they broke into the liquor closet* (eles arrobaram o armário de bebidas) - como variantes sintáticas. Os autores selecionam os contextos em que ativas e passivas

funcionam como variantes, justificando haver evidências de que as duas formas são usadas indistintamente para se referir aos mesmos estados de coisas em determinados contextos e salientam que não há razão para não ampliar o estudo da variação além do subistema fonológico.

Segundo os autores, as diferenças entre ativas e passivas na maioria das vezes dizem respeito ao foco ou à ênfase, o que é uma característica comum da reorganização dos elementos da sentença e não afetam o significado referencial, ou seja, não alteram a informação transmitida (WEINER e LABOV (1983, [1977] p. 30).

Lavandera (1978), entretanto, questiona a manutenção do requisito de equivalência semântica para unidades linguísticas fora do nível fonológico e critica a extensão da análise da variável sociolinguística para dados não fonológicos. Segundo a autora,

[...] a primeira diferença que pode ser apontada entre variáveis fonológicas e variáveis não fonológicas é que as variáveis fonológicas que apresentam significado social e estilístico não necessitam ter significado referencial, enquanto as variáveis não fonológicas são assim definidas mesmo quando portam significado social e estilístico, embora este significado referencial tenha de ser o mesmo para todas as variantes (LAVANDERA, 1978, p. 176).⁶

Dessa forma, considerando que cada variante sintática veicula seu próprio significado, Lavandera defende a inexistência de variação propriamente dita em outros níveis de estudos, uma vez que os dados não se distinguem por si só e que nem sempre é simples afirmar que duas variantes sejam equivalentes em significado. A autora propõe a ampliação da condição de equivalência semântica para a de comparabilidade funcional, pois, assim, essas estruturas poderiam ser admitidas como formas variantes sem necessariamente ter o mesmo significado referencial (op. cit. p. 181).

⁶ Texto original “[...] the first difference which can be pointed out between phonological and non-phonological variables is that phonological variables which can be shown to have social and stylistic significance need not have referential meaning, while non-phonological variables are defined so that even when they do carry social and stylistic significance, they also have referential meaning, although this referential meaning is held to be the same for all variants” (Tradução de Marta Scherre).

Entretanto, Labov (1978, p. 1; 9), em resposta à Lavandera, justifica que a análise sociolinguística é associada a uma visão mais ampla do uso da linguagem e reconhece que não há verdadeiros sinônimos, em sentido absoluto.

O autor reafirma a importância do princípio da equivalência semântica, sob a justificativa de que “dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade” (LABOV, 1978, p. 2), ou seja, para que as formas sejam tratadas como variantes, predomina o conceito de significado referencial. De acordo com o autor, “em vez de estender o significado como Lavandera sugere, desejamos limitá-lo mais fortemente do que o linguista formal” (op. cit. p.3).

Assim, Labov (1978) argumenta que em muitas variáveis sintáticas não há problema algum em se estabelecer igualdade de significado, tendo em vista que a análise variacionista também se volta para o exame de restrições internas dos fenômenos variáveis.

Desse modo, a análise quantitativa também pode ser utilizada na descrição de fenômenos variáveis em outros níveis de estudos, pois o método de investigação elaborado por Labov permite correlacionar variantes linguísticas a fatores sociais e linguísticos para além do âmbito fonológico, porém, conforme esclarece o próprio Labov (1978), é preciso isolar os contextos em que as formas sejam variantes e identificar um mesmo valor de verdade.

Em relação ao nosso estudo, podemos dizer que o emprego das três formas de negação compartilha uma mesma função, isto é, negar uma sentença.

- (8) E1 – pressão é um problema né? A senhora tem que ficar controlando a alimentação: não pode comer sal nada salgado?

Inf.: é, nada salgado, mas **não é assim muito sem sal né?** [...]. Alimentação é normal **tem nada de regime de nada não**. Agora minha pressão subiu porque eu acho que eu já lutei muito com doenças né, na família toda então acho que agora depois na velhice está me atacando essas coisas de muitas horas de sono perdida né? Então acho que agora na época assim né, a gente vai ficando de idade e vai precisando dessas coisas né? mas eu **não sinto nada não**. Nunca senti. O médico disse que eu tenho pressão alta [...]. [F – EF - > 49 anos]

Nesse trecho de entrevista, a informante usa variavelmente as três formas de negação. Esse exemplo é uma boa evidência de variação entre as três estruturas de negação, ou seja, num mesmo trecho de entrevista aparecem as três formas. Além

disso, é possível substituir uma forma negativa pela outra sem alterar o valor de verdade das variantes. Vejamos os trechos reescritos com alternância das variantes:

- (9) Inf.: é, nada salgado, mas **não é assim muito sem sal né?** [...] - (Não+SV)
 Inf.: é, nada salgado, mas **não é assim muito sem sal não né?** [...] - (Não+SV+Não)
 Inf.: é, nada salgado, mas **é assim muito sem sal não né?** [...] - (SV+Não)
- (10) Inf.: Alimentação é normal **não tem nada de regime de nada.** - (Não+SV)
 Inf.: Alimentação é normal **não tem nada de regime de nada não.** - (Não+SV+Não)
 Inf.: Alimentação é normal **tem nada de regime de nada não.** - (SV+Não)
- (11) Inf.: mas eu **não sinto nada.**- (Não+SV)
 Inf.: mas eu **não sinto nada não.**- (Não+SV+Não)
 Inf.: mas eu **sinto nada não.**- (SV+Não)

Contudo, há casos em que a substituição de uma forma por outra pode não ser possível. Conforme aventado por Schwenter (2005), em seu artigo sobre a negação no português brasileiro, sob o enfoque da Pragmática, há contextos em que as três variantes não são igualmente possíveis, ou seja, há restrições de uso para algumas estruturas em termos discursivo-pragmáticos.

Nesse estudo, Schwenter (2005) analisa ocorrências de negação no PB e revela a existência de diferenças pragmáticas entre as três formas negativas. Com base nos conceitos de Prince (1992) sobre *status* do discurso e *status* do ouvinte (interlocutor), que, de acordo com a autora, podem ser “novos” ou “velhos” e podem fazer referência ao interlocutor, resultando em interlocutor novo ou interlocutor velho, e ao discurso, tendo como resultado discurso novo ou discurso velho, Schwenter constata que as variantes não canônicas são sensíveis ao estatuto do discurso, mas não ao estatuto do ouvinte (interlocutor), ou seja, as diferenças entre as formas não canônicas e a canônica no PB são determinadas pelo estatuto discursivo (velho/novo) da informação que está sendo negada.

Em outras palavras, a dupla negação e a negação pós-verbal, de acordo com o autor, negam uma proposição ativada no discurso e são alternativas possíveis apenas quando o conteúdo que estiver sendo negado já tenha sido levantado na

interação, quer seja de maneira direta (evocada) ou indireta (inferível), conforme os exemplos (12) e (13), respectivamente.

- (12) E2 – E a senhora usa os genéricos? **Sentiu diferença?**
 Inf.: Não. Só usei uma vez, L. me deu uma caixa de genérico, mas **não senti diferença não.**
 [F – EF - > 49 anos]
- (13) E - Você acha que a igreja na educação dos filhos quando os filhos vão é bem mais fácil pra educar os filhos?
 Inf.: Eu acho, porque aqui em casa é... igual o meu filho ele tá numa idade que os outro até fala assim é:...gente como que ele é diferente, ele me respeita ele eu posso às vezes ele tá com um colega assim e eu fico preocupada com o horário eu vou atrás e quando eu chego lá ele me abraça e vem embora. Ele **não fica ignorante e com raiva de mim não.** Ele me trata com o maior carinho você entendeu?[...] [F – EM – 26 a 49 anos]

Observe que no exemplo (12) a informante retoma partes do conteúdo ativado na fala do entrevistador, configurando uma proposição evocada no discurso.

Já o exemplo (13) revela que o conteúdo ativado não precisa ter aparecido anteriormente de modo explícito para licenciar a dupla negação. O próprio contexto do diálogo permite inferências sobre a opinião da informante em relação ao comportamento do filho, ativando de modo inferível a dupla negação.

Quando a proposição negada apresentar um estatuto de uma informação nova, isto é, se não houver no discurso nada que a ative, não é possível o uso de dupla negação e nem de negação pós-verbal. Neste contexto, apenas a negação pré-verbal pode ser empregada. Vejamos o seguinte trecho de entrevista:

- (14) E1 — eu acho que antes tinha muita repreensão e agora tá liberado demais
 Inf.: é, demais
 E1 — nenhum dos dois presta
 Inf.: eu acho que a família tem que segurar muito né, porque senão descamba mesmo pra por isso que tem todo dia tá havendo estupro né?
 E1: A senhora fica preocupada com as suas netas?
 Inf.: Eu fico. Nossa Senhora da Penha! Ainda até com o pequenininho. Eu peço a Deus pra proteger ele né? que as menina graças a Deus nunca...**meus filho não fuma.** Eles gostam duma cervejinha né... [F – EM - > 49 anos]

Na interação, os interlocutores conversam sobre as mudanças de valores e seus impactos no cotidiano e a informante expõe sua preocupação com os netos diante dessa nova configuração social. Entretanto, a proposição negada *-meus filho não fuma-* não foi anteriormente ativada, pois não há nada no discurso precedente que permita inferir que os filhos da informante não fumam, ou seja, é introduzida uma informação nova.

Como vimos, para licenciar a dupla negação, o conteúdo deve ser ativado no discurso, para isso, basta que ele seja inferível.

Já a negação pós-verbal, segundo Schwenter (2005), seria mais limitada que a dupla negação, requerendo que a informação negada seja explicitamente ativada no discurso, na maioria dos casos como resposta a uma pergunta.

A: Você gostou da palestra da Maria?

B: Gostei não.

(Exemplo 24 de SCHWENTER, 2005 p. 1449)

Conforme pode ser observado no quadro 1, a distinção entre as estruturas negativas no PB, de acordo com Schwenter (2005), está estritamente relacionada ao *status* discursivo.

Quadro 1: Negação no PB, por *status* informacional da proposição negada

Forma	Discurso-Novo	Inferível	Explicitamente Ativado
Negação pré-verbal	OK	OK	OK
Dupla negação	#	OK	OK
Negação pós-verbal	#	#	OK

Fonte: Schwenter (2005, p. 1452).

Assim, a forma canônica pode ser usada em todos os contextos, enquanto a dupla negação e a negação pós-verbal só podem ser empregadas para negar informações que foram anteriormente ativadas no contexto discursivo, sendo a negação pós-verbal restrita a contexto com informação explicitamente ativada (evocada).

Rocha (2013), com base na proposta apresentada por Schwenter (2005), analisou as restrições discursivo-pragmáticas relativas à negação no português paulistano e constatou que a negação pós-verbal também pode ocorrer em situações inferíveis, ou seja, diferentemente da proposta de Schwenter (2005), para Rocha a dupla negação e a negação pós-verbal são possíveis nos mesmos contextos discursivo-pragmáticos, isto é, com proposições evocadas e inferíveis.

No quadro 2, temos a reformulação do modelo de Schwenter (2005) para a variedade paulistana:

Quadro 2: Reformulação do modelo de Schwenter (2005) para a variedade paulistana

	Informação Nova	Proposição Inferida	Prop. Diretamente Ativada
Negação pré-verbal	OK	OK	OK
Dupla negação	-	OK	OK
Negação pós-verbal	-	(OK)	OK

Fonte: Rocha (2013, p. 21), adaptado.

Os dados da comunidade de Vitória/ES, base da presente pesquisa (PortVix), são analisados em conformidade com a pesquisa de Rocha (2013) no que diz respeito à possibilidade de ocorrência de negação pós-verbal em contextos com informação inferível, conforme se verifica no exemplo (15), extraído do PortVix:

(15) E 2 — No futuro ou melhora ou acaba, difícil... porque tá difícil.

Inf.: Então minha filha, hoje eu acho que hoje nós ainda precisamos voltar numa família muito estruturada. A família, a estrutura da família, do pai, da mãe, dos filho, não importa que trabalhe fora, que tenha outra atividade e tudo, mas tem que ter um horário, uma hora sabe, pra tar junto com os filhos, tar junto, tar ali conversando, dialogando, tar mostrando. **Precisa ser rico não**, pobre mesma tá, mas tem que ter porque muitas vezes a maioria dos pais da gente são semianalfabeto [...]. [F – EU - >49anos]

No trecho acima, a informante defende seu ponto de vista a respeito da estrutura familiar, ressaltando a importância da relação entre pais e filhos, e a negação pós-verbal é inferida pelo conteúdo da conversa. Essa negação ocorre em contraposição ao trecho seguinte – pobre mesma tá -. Entretanto, toda a estrutura remete ao tópico estrutura familiar, independentemente da classe econômica.

Na tabela 2, apresentamos a distribuição das variantes da negação na fala capixaba de acordo com o *status* informacional do discurso.

Tabela 2: Distribuição da negação de acordo com a variável *status* informacional do discurso

Status informacional	Pré-verbal		Dupla negação		Pós-verbal	
	N	%	N	%	N	%
Evocado (diretamente ativado)	496	75,7	142	21,7	17	2,6
Inferível (ativado de forma indireta)	1255	78,0	336	20,9	17	1,1
Inform. Nova	15	100,0	-	-	-	-
Total	1766	77,5	478	21,0	34	1,5

Conforme se verifica na tabela 2, quando a sentença apresenta um estatuto de informação nova, só há ocorrência da negação pré-verbal. As demais variantes não ocorrem nesse contexto. Todavia, quando o conteúdo negado é discursivamente ativado, podem ocorrer as três formas de negação.

Dessa forma, isolamos os casos em que a informação negada é nova no discurso, pois são situações em que a regra é categórica, ou seja, não há variação e, em conformidade com Labov (1978), os excluimos da análise quantitativa.

Assim, na análise da negação no português falado em Vitória/ES, são consideradas as sentenças com informações evocadas (diretamente ativadas) e inferíveis (ativadas indiretamente), as quais comportam o uso variável das três estruturas negativas, delimitando assim o contexto de variação.

Neste capítulo, buscou-se primeiramente apresentar uma visão geral das hipóteses presentes na literatura sobre o surgimento do segundo *não* na estrutura oracional, que resultou nas estruturas (Não+SV+Não) e (SV+Não).

Em seguida, com base em pesquisas realizadas em diferentes regiões do Brasil, verificamos que a localização geográfica parece influenciar a frequência de uso entre as variantes, sendo a negação pós-verbal mais produtiva na região

nordeste. A dupla negação, além de ser significativa na região nordeste, mostrou índices muito similares também nas cidades de Vitória/ES e Mariana/MG, que estão localizadas na região sudeste.

A frequência de uso da forma canônica é superior às demais em todas as variedades do PB e é a variante que predomina na região sul e na cidade de São Paulo/SP.

Por fim, delimitamos o envelope de variação com base nas restrições discursivo-pragmáticas (SCHWENTER, 2005) para o uso variável das estruturas de negação. Em contextos com informação ativada, as formas se comportam como variantes de uma variável.

Passa-se, no próximo capítulo, às diretrizes teóricas e metodológicas adotadas para a realização da pesquisa.

CAPÍTULO II - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos as diretrizes teóricas e metodológicas que norteiam esta pesquisa.

Primeiramente, descrevemos as principais características da Sociolinguística Variacionista, modelo teórico responsável pelo estudo sistemático da variação linguística, no qual buscamos suporte para a investigação de um fenômeno variável.

Em seguida, retratamos a cidade de Vitória/ES, apontando suas características históricas e etnográficas, visando a destacar o contexto social no qual se insere a nossa pesquisa. Aproveitamos também para apresentar o banco de dados do projeto PortVix, que serviu de base a este estudo, mostrando, assim, o perfil social dos falantes de nossa amostra. Por fim, discorreremos sobre a metodologia adotada em nossa investigação, descrevendo os métodos utilizados para a coleta dos dados, a delimitação do *corpus* e os procedimentos para a realização da análise quantitativa.

2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa segue os princípios teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Teoria da Variação e da Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), que estuda a língua em uso e reconhece a variação como resultado de um uso variável, porém sistemático e regular do sistema linguístico.

A variação, de acordo com a Sociolinguística Laboviana, é uma característica inerente ao sistema linguístico, passível de descrição e explicação mediante a correlação do fenômeno variável aos fatores sociais e linguísticos que o motivam e o controlam, pois “a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição e interpretação do comportamento linguístico” (ALKMIM, 2011, p. 42). Nesta perspectiva, verifica-se que a variação linguística é um fenômeno regular. E a análise quantitativa permite que se sistematize essa variação.

A realização de análises quantitativas no âmbito da Teoria Variacionista é de extrema relevância, pois:

[...] possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística. A variação linguística, entendida como alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, por sua própria natureza, não pode ser adequadamente descrita e analisada em termos categóricos ou estritamente qualitativos (GUY e ZILLES, 2007, p. 73).

A Sociolinguística Variacionista firmou-se nos Estados Unidos na década de 1960, liderada pelo linguista William Labov. Apresenta, segundo Cezário e Votre (2011, p. 141-142):

uma metodologia bem delimitada que fornece ao pesquisador ferramentas para estabelecer variáveis para coleta e codificação de dados, bem como instrumentos computacionais para definir e analisar o fenômeno variável que se quer estudar.

Assim, os pressupostos teóricos utilizados pela abordagem variacionista permitem identificar regularidade e sistematicidade na comunicação cotidiana, uma vez que a língua é uma instituição social e, como tal, não deve ser estudada sem levar em conta o contexto social, pois “somente quando se atribui significado social a tais variações é que elas são imitadas e começam a desempenhar um papel na língua.” (LABOV, 2008, p. 43).

Em outras palavras, um estudo variacionista requer a compreensão da língua em uso por uma comunidade de fala, considerando os fatores condicionantes que circundam o fenômeno linguístico investigado, pois a “base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social” (LABOV, 2008, p.13).

Os estudos de Labov na ilha de Martha’s Vineyard e na cidade de Nova Iorque, foram pioneiros na análise da correlação entre as variações linguísticas e as diferenciações no âmbito social de uma comunidade. Em suas pesquisas, o linguista analisou casos de variação e demonstrou que ela é ordenada, padronizada e sistemática, e que os fatores sociais e linguísticos estão intimamente relacionados a

essa variação e, por isso, devem ser considerados em uma análise que se disponha a entender os fatores condicionantes e motivadores das mudanças e variações linguísticas, explicitando, assim, a relação intrínseca entre língua e sociedade.

A existência da variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida. [...] a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais (LABOV, 2008, p. 238).

Nesses termos, a gramática da comunidade de fala constitui o objeto de análise dessa abordagem teórica, pois “a língua é uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008, p. 215), e o fenômeno linguístico deve ser descrito e interpretado no contexto social da comunidade de fala onde os falantes compartilham as mesmas normas relativas ao uso da língua.

Nesse aspecto, a observação do uso da língua dentro da comunidade de fala revela que a mudança envolve circunstâncias linguísticas e motivações sociais, uma vez que “nem todas as mudanças são altamente estruturadas e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos [...]” (LABOV, 2008, p. 20).

A mudança linguística, segundo essa corrente, resulta de um quadro de variação entre as formas até que a variante inovadora vá, aos poucos, ocupando o lugar da mais antiga. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 122) “a mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta”.

Todavia, nem sempre a alternância de formas corresponde a um processo de mudança linguística, mas pode figurar como um caso de variação entre as formas variantes, sem que uma delas venha a desaparecer.

Assim, este trabalho visa a contribuir para o melhor entendimento de fenômenos linguísticos variáveis ao situar a ocorrência da variação linguística relativa ao uso das estratégias de negação verbal no português falado na cidade de

Vitória. Possibilita, também, a comparação dos resultados encontrados com os de outros estudos que analisam o mesmo fenômeno em outras localidades, evidenciando, assim, o comportamento do capixaba em relação a esse aspecto linguístico.

Além disso, conforme salientam Yacovenco *et al* (2012), a variedade linguística capixaba é um fenômeno sobre o qual não se tem grande conhecimento, de forma que este estudo contribui para explicitar a fala capixaba no tocante à negação.

De acordo com nossos dados, a dupla negação representa 21,1% na fala de Vitória/ES, revelando que esta é uma tendência do capixaba no emprego da negação, quando comparado a outras variedades (cf. capítulo 1).

Conforme visto nesta seção, a investigação sociolinguística volta-se ao estudo da língua em uso em uma dada comunidade de fala. Ao trabalhar o conceito de comunidade de fala, a Sociolinguística Variacionista busca analisar as características compartilhadas por um grupo de falantes, com vistas a relacionar os fatores que estariam atuando na variação e/ou na mudança linguística.

Para Labov (1975, p. 120-121 *apud* SCHERRE, 2006, p. 718):

a comunidade de fala não é definida por qualquer acordo no uso de elementos da língua, mas pela participação em um conjunto de normas comuns; essas normas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de padrões abstratos de variação (...) ⁷ (Tradução nossa).

Nesses termos, comunidade de fala refere-se a um conjunto de pessoas que compartilham as mesmas normas com relação aos usos linguísticos e corresponde, segundo Labov (1975, *apud* SCHERRE, 2006, p. 718), “a um conjunto de atitudes sociais em relação à língua”.

Na próxima seção apresentamos Vitória/ES, local escolhido para a realização da pesquisa, e uma breve descrição sobre a constituição do *corpus* utilizado.

⁷ Texto original: “the speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms; these norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation (...)”

2.2 VITÓRIA: A CAPITAL CAPIXABA

Fundada oficialmente em 08 de setembro de 1551, a cidade de Vitória é uma das capitais mais antigas do Brasil. Com 98,194 km² de área territorial, Vitória é uma ilha-capital que abriga belas paisagens e antigas construções que preservam a história do povo capixaba.

Atualmente, a capital do Espírito Santo tem sua economia voltada para atividades portuárias, comércio, indústria, prestação de serviços e turismo de negócios⁸. Possui dois importantes portos: o de Vitória e o de Tubarão, e seu crescimento econômico é considerável, com PIB equivalente a R\$ 85.794,33 (2011)⁹.

Todavia, nem sempre foi assim. Devido a diversos fatores, sobretudo, de ordem política e econômica, Vitória não teve um desenvolvimento semelhante ao de outras cidades fundadas na mesma época (YACOVENCO *et al*, 2012). Até meados do século XX a base da economia capixaba era a agricultura e a maioria da população vivia na área rural. A industrialização era inexpressiva e estava ligada à transformação de produtos primários (SIQUEIRA, 2009).

O Espírito Santo foi uma das capitanias hereditárias doadas por Dom João III, no início da colonização do Brasil. Em 23 de maio de 1535, a bordo da caravana Glória, Vasco Fernandes Coutinho desembarcou na capitania, fundou o primeiro povoado, denominado Vila do Espírito Santo, atual região da Prainha, na cidade de Vila Velha, e iniciou o processo de colonização do solo espiritosantense.

Entretanto, a colonização do Espírito Santo teve muitos contratemplos. Além das dificuldades financeiras, os colonizadores sofreram vários ataques tanto dos indígenas quanto de estrangeiros. Mais tarde, com a descoberta de ouro em Minas Gerais, a capitania passou a servir de barreira de proteção contra os invasores¹⁰ e teve suas fronteiras fechadas para evitar o contrabando de ouro e diamantes. Somado a isso, o declínio da atividade canavieira e o esvaziamento populacional

⁸ Disponível em: <<http://www.achetudoeregiao.com.br/es/vitoria/geografia.htm>> Acesso em 25 de jan. de 2014.

⁹ Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?>> Acesso em 25 de jan. de 2014.

¹⁰ Por determinação da Coroa Portuguesa, o Espírito Santo foi usado como barreira natural conhecida como “barreira verde” durante o período de exploração do ouro na região de Minas Gerais (MACEDO e MAGALHÃES, 2011).

instauraram uma forte estagnação econômica, comprometendo o desenvolvimento do território capixaba, que só começou a se recuperar no século XIX com o desenvolvimento das lavouras de café (MACEDO e MAGALHÃES, 2011).

Conforme afirmam Yacovenco *et al* (2012), a colonização descontínua do solo espiritossantense colaborou para que o desenvolvimento da cidade de Vitória se desse de forma pouco expressiva por um longo período histórico.

O processo de colonização do Espírito Santo foi marcado pela existência de uma grande variedade étnica e cultural, primeiramente constituída por povos indígenas, portugueses e africanos. Mais tarde, a partir do século XIX, por imigrantes alemães, pomeranos, poloneses, holandeses, espanhóis, suíços, libaneses e, sobretudo, italianos, que contribuíram para a formação de uma enorme diversidade linguística e cultural em terras capixabas.

Vale ressaltar que a região da Grande Vitória, conforme avanta Salles (2000), possuía, em 1960, 14% da população do estado. Em função da crise do café, houve um forte êxodo rural nas décadas de 1960 e 1970 e, conseqüentemente, uma crescente migração rural para Vitória e região metropolitana. Neste mesmo período, teve início o processo de industrialização na região da Grande Vitória, contribuindo para a configuração de uma nova estrutura urbana e rápida expansão da capital, que teve como forte aliado um montante de investimentos, chamados Grandes Projetos Industriais, que requeriam grande aporte de mão de obra inexistente na região (ESPÍRITO SANTO, 2011, p. 6-7). Com a expansão da CVRD (Companhia Vale do Rio Doce, atual Vale) e implantação da Companhia Siderúrgica de Tubarão (atual Arcelor Mittal), houve um forte movimento de migração vinda também de outros estados (MOREIRA e PERRONE, 2008).

Atualmente, de acordo com o Censo 2010 do IBGE, a população da Grande Vitória compreende cerca de 1.687.177 habitantes e corresponde a 48,0% da população do estado. Desse total, 327.801¹¹ residem na capital.

¹¹ Os dados referentes ao número de habitantes e valor percentual foram extraídos dos sites www.ibge.gov.br e www.ijsn.es.gov.br.

Conforme já mencionado, o Espírito Santo é um estado formado por vários grupos étnicos e, como resultado dessa miscigenação, temos uma grande variedade linguística neste território, variedade esta, entretanto, ainda pouco conhecida.

[...] a configuração etnográfica do ES pode ter contribuído para que em Vitória houvesse uma variedade não marcada. Aliado a esse fator, o isolamento da cidade, durante séculos, também pode ter contribuído para essa característica. Assim, a configuração da variedade capixaba ainda não é bem clara, nem para a comunidade acadêmica nem para os leigos nem mesmo para os próprios habitantes do Espírito Santo (YACOVENCO *et al*, 2012, p. 776).

Assim, com o intuito de conhecer um pouco mais essa variedade e registrar o vernáculo dos habitantes da capital capixaba, foi implementado em março de 2000 o Projeto PortVix (*Português Falado na Cidade de Vitória*) fundamentado nos moldes da Sociolinguística Laboviana. Este projeto, coordenado pela professora Lilian Coutinho Yacovenco, gravou, entre 2001 e 2003, quarenta e seis entrevistas com pessoas nascidas em Vitória, divididas segundo as variáveis relativas ao sexo/gênero do informante, à sua faixa etária e à sua escolaridade. Após a formação das células, os perfis dos entrevistados foram distribuídos aleatoriamente pelas sete regiões administrativas da cidade, seguindo o critério fundamental de serem naturais de Vitória, terem, preferencialmente, pais capixabas e terem sempre residido nesta cidade. Na ausência desses, buscaram-se aqueles que vieram para a cidade de Vitória até os cinco anos de idade, ou que tivessem vivido mais de três quartos de sua vida nesta cidade (YACOVENCO *et al*, 2012, p. 776).

No quadro 3, temos a distribuição dos 46 informantes que compõem o PortVix:

Quadro 3: Distribuição das células sociais do PortVix

	(faixa etária [→])		07-14 anos		15-25 anos		26-49 anos		> 49 anos	
	(sexo/gênero [→])		H	M	H	M	H	M	H	
<i>Ensino fundamental</i>	4	4	2	2	2	2	2	2	2	=20
<i>Ensino médio</i>			3	3	2	2	2	2	2	=14
<i>Ensino universitário</i>			2	2	2	2	2	2	2	=12
Número total de entrevistados=46										

Fonte: Yacovenco *et al*, 2012.

Dessa forma, o PortVix constitui-se em um banco de dados que contempla os hábitos linguísticos de Vitória/ES e possibilitou o desenvolvimento de pesquisas sociolinguísticas que revelaram algumas características da fala capixaba, contribuindo, assim, para “descrever a variedade linguística da capital do Espírito Santo e colocar luzes para uma comunidade desconhecida por brasileiros e estrangeiros” (YACOVENCO *et al*, 2012, p. 803).

Assim, com vistas a explicitar a variedade capixaba, o PortVix abre espaço para o desenvolvimento de pesquisas sociolinguísticas nessa comunidade. Acreditamos que este estudo pode se somar às demais pesquisas realizadas com base nesse banco de dados e colaborar para o entendimento a respeito do uso das estruturas negativas no âmbito dessa comunidade, além de contribuir para elucidar os fatores que influenciam esse fenômeno linguístico.

A metodologia de estudo utilizada para a realização desta pesquisa é tema da próxima seção.

2.3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Para a análise das estruturas de negação na fala de Vitória/ES, o presente estudo toma por base o banco de dados do Projeto PortVix, apresentado na seção anterior.

Vale mencionar que o PortVix é composto por entrevistas e estas não reproduzem exatamente o vernáculo, mas caracterizam-se por serem uma fala monitorada, isto é, “o tipo de fala que normalmente ocorre quando a pessoa está respondendo perguntas que são formalmente reconhecidas como ‘parte da entrevista’” (LABOV, 2008, p. 102).

Entretanto, nessas entrevistas, conforme explicitam Yacovenco *et al* (2012), buscaram-se diversos procedimentos para que o vernáculo emergisse, ou seja, para que a atenção do entrevistado não fosse dirigida à sua própria fala.

Um desses procedimentos foi a busca do envolvimento emocional com o próprio fato enunciado, sendo um dos procedimentos a pergunta sobre situações de risco de vida

pelas quais a pessoa já houvesse passado. Entre os procedimentos metodológicos, destaca-se que as entrevistas foram realizadas, em sua maioria, por dois entrevistadores, num grupo de seis a oito pessoas treinadas para a realização da tarefa (YACOVENCO *et al*, 2012, p. 777).

A língua na situação real de uso, inserida no contexto social, é a base de um estudo variacionista, porém a captação da fala casual, isto é, “a fala cotidiana usada em situações informais, em que nenhuma atenção é dirigida à linguagem” (LABOV, 2008, p. 111), apresenta algumas dificuldades, pois o pesquisador precisa de uma grande quantidade de dados, mas sua participação direta na interação com o falante pode prejudicar a naturalidade da situação comunicativa (TARALLO, 1997, p. 21).

Desse modo, visando a minimizar o *paradoxo do observador*, isto é, o desafio de descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas por meio da observação sistemática (LABOV, 2008, p. 244), no período de coleta de dados do PortVix, houve pelo menos dois contatos com o entrevistado. Primeiramente, os pesquisadores levantaram os dados gerais do informante e verificaram os assuntos com que ele mais se identificava, pois, assim, poderia melhor discorrer sobre a temática. Dessa forma, com esse primeiro contato, criou-se uma espécie de vínculo que contribuiu para que, no segundo encontro, o falante se sentisse mais à vontade diante do entrevistador.

Além disso, procurou-se reduzir o monitoramento da fala por meio de um roteiro de entrevista cuidadosamente planejado e da naturalidade com que os entrevistadores buscaram conduzir a conversa, a fim de se obter uma grande quantidade de dados com o máximo de qualidade e que representasse a comunidade pesquisada.

Para nossa pesquisa, utilizamos um *corpus* composto por 18 falantes, das 46 entrevistas do PortVix, divididos por gênero/sexo (masculino e feminino), escolaridade (Fundamental, Médio e Universitário) e faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e acima de 49 anos), conforme explicitado no quadro 4.

Quadro 4: Distribuição das células sociais

	(faixa etária [→])		15-25		26-49		50-...		
	(sexo/gênero [→])		H	M	H	M	H	M	
<i>Ensino Fundamental</i>	1	1	1	1	1	1	1	1	=6
<i>Ensino Médio</i>	1	1	1	1	1	1	1	1	=6
<i>Ensino Universitário</i>	1	1	1	1	1	1	1	1	=6
<i>Número total de entrevistados</i>									=18

Para tratamento quantitativo dos dados, utilizamos o programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005), que “mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos das variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente” (GUY e ZILLES 2007, p.105).

Esse programa é uma ferramenta estatística extremamente útil para a análise da variação linguística que calcula as frequências e fornece os pesos relativos associados às variáveis independentes utilizadas, indicando o efeito que cada uma das variáveis exerce sobre as variantes analisadas. Por meio dos cruzamentos entre os grupos de fatores, o programa faz a seleção dos grupos de acordo com sua relevância para a variação do fenômeno investigado, encontrando, assim, as variáveis com significância estatística.

Os resultados com nível de significância igual a 0.000 ou mais próxima desse valor, por indicarem certeza estatística da adequação entre os valores gerados pelo modelo e os valores observados, são considerados significativos na análise do fenômeno investigado (SCHERRE, 1998, p. 47).

Entretanto, conforme observam Guy e Ziles (2007, p. 69), “como acontece com qualquer ferramenta, sua utilidade é acentuada por uma compreensão de suas operações e de suas limitações. [...] é apenas um recurso (embora sofisticado) para a manipulação dos dados”. Nesse aspecto, é importante salientar que o programa apenas fornece os resultados a partir das variáveis indicadas na codificação dos dados. Conforme esclarecem Scherre (1998, p. 43) e Naro (2007, p. 25), identificar

os fatores linguísticos e sociais que possam influenciar a escolha de determinada variante, bem como a codificação e interpretação dos resultados, é tarefa do pesquisador, pois é ele quem irá fazer a análise dos números apresentados pelo programa.

Em suma, os grupos de fatores linguísticos e sociais definidos para a elaboração da pesquisa nos permitem buscar explicações para a ocorrência de um fenômeno variável. Neste trabalho, pretendemos compreender quais variáveis influenciam o uso de uma estrutura negativa em relação à outra.

Conforme já mencionado, os fatores internos e externos são fundamentais na análise variacionista. Desse modo, no próximo capítulo apresentamos a delimitação das variáveis e sua relevância para a análise do fenômeno em tela.

CAPÍTULO III – DELIMITAÇÃO DAS VARIÁVEIS

Nesta pesquisa, conforme já discutido no capítulo 2, utilizamos os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), que entende a língua como um sistema heterogêneo, sistemático e dotado de variação. Esta variação implica o uso simultâneo de duas ou mais formas com um mesmo valor de verdade. Cada uma dessas formas constitui uma variante e o conjunto de variantes constitui uma variável linguística (TARALLO, 1997, p. 8).

Segundo a Teoria Variacionista, a variação e a mudança linguística podem ser motivadas tanto por fatores internos quanto por fatores externos à língua, de modo que os fenômenos variáveis podem ser descritos e explicados por restrições de natureza linguística e social.

Assim, com base nas restrições observadas, é possível sistematizar a variação identificando as variáveis que influenciam as variantes em estudo, inibindo ou favorecendo o uso de uma ou outra forma (MOLLICA, 2007, p. 11). Desse modo, é preciso, então, delimitar as variantes que compõem a variável dependente e verificar os fatores linguísticos e sociais que possam influenciar a escolha entre as formas alternantes.

3.1 A VARIÁVEL DEPENDENTE

A variação pressupõe a existência de diversas maneiras de se dizer a mesma coisa sem que haja mudança em seu significado. Essas formas linguísticas alternativas são denominadas variantes. De acordo com Labov (2008, p. 313), “as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística”. As formas variantes se configuram em um fenômeno variável, que recebe o nome de variável dependente.

Neste estudo, a variável dependente é a negação na fala de Vitória que se apresenta sob a forma de três variantes:

1) negação pré-verbal (Não+SV)

Inf.: Então é uma loucura assim de repente é um problema eu acho né? Uma pessoa que malha umas cinco seis horas por dia **não deve ser normal isso...** [F – EU -15 a 25 anos]

2) dupla negação (Não+SV+Não)

Inf.: Gosto de ver comédia muito legal. Gosto de todos **não tenho preconceito com filme não.** (M – EU - 15 a 25 anos)

3) negação pós-verbal (SV+Não)

Inf.: Casou! Esses dias agora. Foi quando? Em janeiro eu acho.
Tem muito tempo não. [F – EF – 15 a 25 anos]

Conforme elucidado Naro (2007, p. 15), a escolha das formas variantes não ocorre de maneira aleatória, mas regulada por um conjunto de regras, sendo, portanto, necessário identificar os fatores internos ou externos que influenciam as escolhas linguísticas, intensificando ou diminuindo o uso de cada uma das variantes em análise.

Nessa perspectiva, na seção 3.2 apresentamos a descrição das variáveis independentes analisadas no estudo sobre as estruturas de negação na fala de Vitória/ES.

3.2 AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Conforme dito ao longo deste estudo, nosso foco é examinar a variação entre as formas variantes da negação na variedade linguística capixaba. Para realizar essa tarefa, identificamos alguns fatores que nos parecem relevantes para a análise desse fenômeno variável. Conforme esclarecem Naro e Scherre (2007, p. 148), “é fundamental identificar conjuntos de circunstâncias linguísticas e sociais (restrições) que tendem a favorecer o uso de uma ou outra variante [...]”. Em outras palavras, esse grupo de fatores, ou variáveis independentes, está correlacionado a essa variação, influenciando o fenômeno em estudo.

Desse modo, nossas variáveis independentes são compostas por fatores de natureza: a) social, como o gênero/sexo, a faixa etária e a escolaridade dos entrevistados, b) discursivo-pragmática, como o *status* informacional do discurso (*informação nova, inferível e evocada*), o tipo de sequência discursiva (*sequências dialogais, sequências avaliativas, sequências narrativas de fatos pessoais, sequências narrativas de fatos não pessoais, sequências descritivas e sequências argumentativas*), ausência ou presença de reforço negativo (*nem, nenhum, nada, nunca, ninguém e nem nada*) e c) sintática, como o tipo de oração (*absoluta, coordenada, principal e subordinada*), presença ou ausência de marcador conversacional (*né?, sabe?, entendeu?*) e o tipo de sujeito (*explícito, implícito e inexistente*).

A seguir apresentamos esses grupos de fatores, ressaltando sua relevância e a motivação para que fossem considerados na codificação dos dados.

3.2.1 Fatores sociais

Para a delimitação das variáveis sociais, seguimos as estabelecidas no PortVix: 1) Gênero/sexo; 2) Escolaridade e 3) faixa etária.

1) Gênero/sexo

As diferenças entre homens e mulheres vão além de diferenças físicas inerentes ao sexo. Homens e mulheres pensam, agem e se comportam de forma distinta. As funções sociais atribuídas a homens e mulheres se diferem de acordo com cada comunidade e os papéis sociais masculinos e femininos, por consequência, também apresentam essa característica.

Essas diferenças aparecem também na fala. Há diferenças biológicas, como as relativas ao timbre e à altura da voz. Contudo, as diferenças linguísticas mais relevantes são associadas à forma de construção social dos papéis feminino e masculino em cada comunidade (PAIVA, 2007).

Pesquisas como as de Paiva (2007) e Labov (2008) demonstram que as mulheres tendem a evitar o uso de variantes estigmatizadas e são mais sensíveis ao

padrão de prestígio, ao passo que os homens utilizam as formas não padrão mais livremente.

Labov (2001 *apud* MEYERHOFF, 2006, p. 207; 209; 214), ao analisar a postura de homens e mulheres diante de fenômenos linguísticos variáveis, aponta dois importantes princípios referentes ao gênero/sexo no tocante à variação e mudança linguística:

Princípio I: quando a variação é estável, as mulheres usam uma frequência maior de formas padrão do que os homens;

Princípio Ia: em processo de mudança acima do nível de consciência social (*change from above*), as mulheres tendem a usar mais a variante de prestígio inovadora do que os homens;

Princípio II: em processos de mudança abaixo do nível de consciência social (*change from below*) as mulheres usam mais as formas inovadoras.

Os dois primeiros casos identificam as circunstâncias em que as mulheres mostram sua preferência por variantes mais prestigiadas e apresentam um comportamento conformista. O último indica as situações em que as mulheres apresentam comportamento inovador.

As diferenciações na fala de homens e mulheres também foram tema de reflexão de Scherre e Yacovenco (2011). As autoras avaliam o comportamento linguístico em relação ao gênero/sexo e esclarecem que “em configurações menos marcadas - e não necessariamente mais prestigiadas - as mulheres estão à frente na variação ou na mudança”. Já “em configurações mais marcadas - e não necessariamente menos prestigiadas – os homens estão à frente na variação ou na mudança” (op. cit. p. 139).

Nesse aspecto, de acordo com as autoras, as mulheres tendem a favorecer as formas mais gerais e mais frequentes na comunidade.

Vale destacar que a tendência das mulheres ao padrão linguístico não deve ser vista como uma característica universal nos processos de variação e nem tampouco afirmar que elas sempre lideram o curso da mudança linguística, pois “a diferenciação sexual com que estamos lidando depende claramente de padrões de

interação social na vida diária” (LABOV, 2008, p. 348). Assim, qualquer generalização referente ao comportamento linguístico de homens e mulheres requer cautela e principalmente que se leve em consideração a organização social de cada comunidade linguística.

Dessa forma, o fator gênero/sexo não pode ser ignorado nas análises sociolinguísticas, haja vista a importância do comportamento social de cada um dos gêneros com relação ao padrão de uso de uma variante linguística.

Diante do exposto, cabe verificar a correlação da variável gênero/sexo com o uso das estruturas negativas na fala de Vitória/ES.

2) Escolaridade

A literatura costuma mencionar que o alto nível de escolaridade gera uma tendência de maior uso das formas padrão. De acordo com Paiva e Scherre (1999, p. 8): “A escolarização continuada, refinando a consciência linguística e insistindo na necessidade de padronização, favorece o emprego de determinadas variantes linguísticas, em especial das que estão sujeitas a uma avaliação social positiva”.

Votre (2007, p. 51) ratifica essa afirmação ao dizer que:

A observação do dia-a-dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. [...] ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades.

Cezário e Votre (2011) confirmam a importância da variável escolaridade na pesquisa sociolinguística, nesses termos:

A escolaridade, por exemplo, é um importante fator: quando falantes mais cultos estão usando uma forma que anteriormente não tinha prestígio, isso significa que ela deixou de ser estigmatizada e passou a ser normal dentro da comunidade de fala de pessoas escolarizadas, o que pode significar mudança, ou seja, substituição de uma forma mais antiga por uma forma nova (CEZÁRIO e VOTRE, 2011, p. 152).

Em linhas gerais, o nível de escolaridade desempenha um importante papel com relação ao domínio maior ou menor do registro culto da língua, por isso, o

tempo em que a pessoa passou na escola deve ser levado em consideração, uma vez que os falantes com mais escolaridade tendem a usar mais frequentemente a norma padrão.

Alkmim (2001) realizou um teste de avaliação das variantes da negação, em que o informante ouvia alguns enunciados retirados das entrevistas do *corpus* e preenchia um questionário indicando a possível profissão da pessoa que estava produzindo aqueles enunciados. Os resultados revelaram que as profissões mais desprestigiadas como lixeiro e ajudante de pedreiro receberam maiores probabilidades de realização da negação pós-verbal. Normalmente as pesquisas sociolinguísticas brasileiras usam a escolaridade como um índice de classe social do falante. Dessa forma, a partir dos resultados de Alkmim, podemos pressupor que a variante padrão será favorecida por falantes de maior escolaridade.

3) Faixa etária

A faixa etária é um fator fundamental nos estudos sobre variação e mudança linguística. A comparação da linguagem em diferentes faixas etárias pode revelar um quadro de variação estável ou apontar para uma mudança linguística. Tarallo (1997, p. 65-66) expõe que “para se atestar a mudança em progresso [...] é necessário que as variantes sejam correlacionadas aos diversos grupos etários: maior incidência nas faixas mais jovens e menor frequência nas mais velhas.”

Para Paiva e Scherre (1999, p. 8):

[...] um padrão nítido de distribuição de variantes linguísticas pode ser constatado a partir da variável idade: os falantes mais jovens se mostram menos compromissados com a correção linguística, valendo-se, em maior grau, das variantes menos prestigiadas.

Em suma, os falantes mais jovens usam mais livremente as formas inovadoras e tendem a liderar processos de mudança linguística. Todavia, conforme esclarece Freitag (2005, p. 106) “a faixa etária é uma variável extremamente complexa, pois a ela estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho e escolarização”. Contudo, a faixa etária pode

ser um fator condicionante para certas variações, uma vez que é possível se perceber diferenças linguísticas relacionadas à idade do falante.

Nesse aspecto, ao controlarmos a variável faixa etária, nosso objetivo é verificar se em Vitória/ES a variação entre as estruturas de negação é estável ou se há indício de mudança linguística em tempo aparente, como foi constatado na pesquisa de Alkmim (2001) na cidade de Mariana (MG).

3.2.2 Fatores linguísticos

Os fatores linguísticos (discursivo-pragmáticos e sintáticos) permitem verificar a intensidade dos condicionamentos internos sobre o fenômeno em análise. Assim, algumas restrições de ordem linguística podem lançar luzes sobre os padrões de variação da variável em foco nesta pesquisa.

1) *Status* informacional do discurso

Conforme visto no capítulo 1, Schwenter (2005), em um estudo pragmático sobre a negação, revelou uma importante diferença pragmática entre as três formas de negar uma sentença em PB.

Segundo o autor, para que ocorra a dupla negação ou a negação pós-verbal, a informação negada deve ser velha no discurso, ou seja, o uso dessas estruturas seria licenciado pelo caráter de informação já presente no contexto discursivo, podendo ser ativada linguisticamente, por estímulos situacionais (ambiente da interação, gestos, ruídos, etc.) ou inferida pelo interlocutor, tendo sido originada do conteúdo da conversa.

Em outras palavras, para que haja variação entre as estruturas de negação, é necessária a ativação direta ou inferível do conteúdo da proposição, conforme os exemplos (16) e (17).

(16) E2: Cê **ficou muito triste** quando você descobriu?

Inf.: **Não fiquei triste não**, eu já suspeitava de uma coisa desse tipo né. [M – EU – 15 a 25 anos]

Em (16), o trecho destacado na fala do entrevistador ativa a proposição que é retomada pelo informante. Esse exemplo evidencia um caso de negação com informação evocada, isto é, diretamente ativada.

Contudo, nem sempre a proposição ativada pelo falante é retomada pelo interlocutor.

Abaixo temos uma situação inferível, ativada de forma indireta:

(17) E1 – Ah, eles eram casados?

Inf.: É, é parece que tinha um arranjo ali entre os dois. **Não sei direito não.**
[F – EF – 15 a 25 anos]

Neste caso, a proposição negada é considerada uma informação velha no discurso, inferida pelo interlocutor pelo próprio conteúdo da conversa. Pode-se deduzir que na pergunta do entrevistador seja inferível a seguinte questão: “Você sabe se eles são casados?”. Nesse caso, o falante negaria esse questionamento inferível.

Conforme visto no capítulo 1, as três formas de negação podem ocorrer com informações inferíveis e evocadas. As pesquisas de Rocha (2013) e Goldnadel *et al* (2013) revelaram que a dupla negação é fortemente favorecida quando o conteúdo negado é diretamente ativado no discurso.

Nesta perspectiva, controlamos esta variável com o intuito avaliar a relevância do grau de ativação, sobretudo para os enunciados com negação não canônica, e verificar se o perfil encontrado nas pesquisas de Rocha (2013) e de Goldnadel *et al* (2013) se confirma na comunidade de Vitória/ES.

2) Tipo de sequência discursiva

O PortVix é um banco de dados formado por entrevistas elaboradas com base nos princípios da Teoria da Variação. Para isso, houve um roteiro de entrevistas e estas foram efetuadas por meio de perguntas semidirigidas, nas quais os informantes discorriam sobre diversos assuntos, realizando diferentes tipos de sequências discursivas, ou seja, nas entrevistas do PortVix encontramos trechos de

diálogos, avaliações, narrações de fatos pessoais e de fatos não pessoais, descrições e argumentações.

As sequências discursivas, de acordo com Paredes da Silva (1997, p 98), são “modos de organização de informação, que representariam as potencialidades da língua, as rotinas retóricas ou formas convencionais que o falante tem à sua disposição na língua quando quer organizar o discurso”, em outras palavras, as sequências discursivas ajudam na organização da fala e na condução do discurso.

É importante salientar que nas entrevistas do PortVix não encontramos sequências puras, isto é, sem a coexistência de outros tipos de sequências em um mesmo trecho, de modo que durante o processo de codificação dos dados deparamo-nos frequentemente com alguma dificuldade para classificar cada trecho e delimitar claramente o tipo de sequência discursiva. Assim, foram estabelecidos alguns parâmetros para identificação de acordo com as características linguísticas predominantes em cada trecho analisado, conforme ilustramos abaixo:

I) Sequências dialogais:

As sequências dialogais correspondem aos trechos que contêm mais alternância entre os interlocutores. Adam (2011, p. 249), com base em Kerbrat-Orecchioni (1996), estabelece que as sequências dialogais são atos de linguagem produzidos por pelo menos dois interlocutores por meio de intercâmbios que se combinam para constitui-las.

As sequências dialogais podem ser compostas por trechos de perguntas e respostas:

- (18) E 1 – E você alguma vez já mentiu?
 Inf.: **Eu já, mas eu não gosto não.** [M – EF – 15 a 25 anos]

Ou por uma conversação:

- (19) E2 - Choveu?
 Inf.: Se bem que eu acho que choveu aqui também sabia? no domingo. Tá chovendo direto.

E1 - Choveu à noite já aqui... não?

Inf.: **Mas eu não me lembro direito não.** [F – EU – 15 a 25 anos]

II) Sequências avaliativas:

As sequências avaliativas expressam a opinião ou avaliação do falante sobre determinado tema. Os verbos encontram-se preferencialmente no presente, em predicados com verbos de opinião, avaliativos ou subjetivos, de um modo geral, são verbos de cognição, percepção, volição, sentimento etc. (PAREDES DA SILVA, 1997, p. 90).

(20) E1 – huhum ...e a senhora acha que o brasileiro se alimenta bem?

Inf.: **Não se alimenta bem não... eu acho que não [...]** [F – EF - > 49 anos]

III) Sequências narrativas de fatos pessoais:

As sequências narrativas de fatos pessoais são constituídas por exposições de fatos e situações vivenciadas pelo informante.

(21) E2: Mas eles estudavam no mesmo colégio que você?

Inf.: Não. Eram meus vizinhos ...é ... a gente saía, inventava, era muito aventureiro, aprontava demais. **Como perto da minha casa tem muito mato, a gente ia pra lá pro meio do mato lá e não queria sair [risos]. Deixava, deixava nossos pais doidinhos.** [M – EM – 15 a 25 anos]

IV) Sequências narrativas de fatos não pessoais:

As sequências narrativas de fatos não pessoais caracterizam-se pela exposição de um fato ou história.

(22) E1 – Você conhece alguma história assim da cidade de Vitória, alguma lenda alguma coisa que você já ouviu falar?

Inf.: Conheço. Eu sabia que vocês iam me perguntar isso, que foi até uma moça foi contar essa história pra gente lá na minha escola sobre ...**Parece que duas pedras que antes era índio - um índio de uma tribo diferente - que não podiam namorar, mas ele eram muito apaixonado...** [F – EF – 15 a 25 anos]

V) Sequências descritivas:

As sequências descritivas dizem respeito aos trechos em que o falante explica detalhadamente as características de objetos, lugares, pessoas, etc., criando imagens com palavras.

- (23) Inf.: Antigamente é, a gente tinha que carregar, ai eu trabalhava aqui a maior parte do trabalho. **Não existia esse monte de prédio aqui. Era praticamente espaço vazio, sabe? Essas ruas eram tudo barro onde é calçado agora era chão** [...] [M – EM - 26 a 49 anos]

VI) Sequências argumentativas:

As sequências argumentativas correspondem aos trechos em que o falante fundamenta suas opiniões ou defende seus pontos de vista, direcionando a atividade verbal para o convencimento do outro.

- (24) E2: Você já participou de alguma competição?
 Inf.: Não. Eu ando mais por hobby. Não, nunca participei de competição. Já pensei em entrar em triátlon uma vez, mas você tem eh é um lance que você tem que se dedicar. **Todo esporte que você entra, você tem que dedicar uma certa hora ali pra você tá treinando, você tá fazendo. Geralmente eu não tinha esse tempo pra tá dedicando** ... [M – EM – 15 a 25 anos].

Nossa hipótese é de que as sequências dialogais favoreçam o uso das variantes não canônicas, uma vez que essas sequências são mais frequentes em situações interativas, com mais trocas de turno entre os falantes, e parecem ser mais propícias à ocorrência dessas estruturas.

3) Reforço negativo

Na língua portuguesa, além do advérbio *não*, existem outros elementos negativos, tais como *nada*, *ninguém*, *nem*, *nenhum*, *nunca*, *nem nada*, que coocorrem com o operador *não* em uma sentença negativa e são aqui tratados como reforço negativo.

A coocorrência desses elementos entre si, ou com o operador negativo *não*, expressa uma única negação e não cancelam um ao outro, mas reforça o valor negativo da sentença.

- (25) Inf.: É, ah... eu **não** sinto diferença **nenhuma** porque eu acho assim que as duas são igual
[...][F – EF – 26 a 49 anos]

De acordo com Polášek (2010, p. 193-194), em línguas como o alemão, o inglês e o holandês, duas ou mais unidades negativas neutralizam-se mutuamente e resultam em uma interpretação positiva. Nessas línguas, segundo o autor, para que a oração tenha um resultado negativo admite-se apenas uma unidade negativa, conforme se vê no exemplo (27).

- (26) We should not allow nothing.
Neg devemos permitir n-coisa.
'Devemos permitir alguma coisa.'
- (27) We shouldn't allow anything.
Neg devemos permitir alguma coisa.
'Não devemos permitir nada.'

(Exemplos 2 e 3 de POLÁŠEK, 2010, p. 194)

De acordo com (MIOTO, 1992 e VITRAL, 1999), no PB, quando os itens negativos antecedem o verbo, eles independem de um outro elemento negativo e parecem impedir a ocorrência do operador *não*:

- (28) a. **Ninguém** viu Maria.
b. ***Ninguém não** viu Maria.

(Exemplo 17 a. e b. de MIOTO, 1992, p. 138).

Após o verbo, eles normalmente requerem a presença de uma palavra negativa em posição pré-verbal. Esta pode ser o *não*, o *sem*, ou um outro quantificador ou advérbio negativo (MIOTO, 1992, p. 137).

- (29) c. *Maria viu **ninguém**.
d. Maria **não** viu **ninguém**.

(Exemplo 17 c. e d. de MIOTO, 1992, p. 138).

O exemplo (29 d), contendo duas palavras negativas interpretadas como uma única negação, corresponde, nos termos de Zanuttini (1991, *apud* MIOTO, 1992) à chamada Concordância Negativa (CN), isto é, ao mesmo tempo em que a sentença contém um marcador pré-verbal, conta com a presença de outro elemento negativo em posição pós-verbal e ambos entram numa relação de concordância.

Uma língua apresenta CN quando, apesar de ocorrerem dois ou mais itens negativos na mesma sentença, ela é interpretada como uma negativa simples. Um mecanismo de Forma Lógica se encarrega de reduzir todas as negativas a uma única, evitando que a sentença seja interpretada como uma negação dupla (MIOTO, 1992, p. 127).

Segundo Mioto (1992, p. 128), as línguas dividem-se em dois grupos básicos: línguas de Concordância Negativa (como é o caso do PB) e línguas de Dupla Negação (como o alemão, o inglês ou o holandês). Para este último grupo, quando ocorrem duas palavras negativas numa sentença, esta é interpretada como uma negação dupla, equivalente semântico de uma afirmação.

Em nossa pesquisa, analisamos os casos de concordância negativa operados pelo advérbio *não* em posição pré-verbal em coexistência com as palavras negativas *nada*, *ninguém*, *nem*, *nenhum*, *nunca*, *nem nada*, em posição pós-verbal (reforço negativo), conforme nos mostram os seguintes exemplos:

- (30) E2 -Som nenhum !
Inf.: **Não sai som nenhum.** [M – EU – 15 a 25 anos]
- (31) Inf.: Mas eu olhei, **num vi ninguém.** Eu achava que eles tavam rindo de outra coisa lá pra dentro e coincidiu com a minha queda [...] [F – EU – 26 a 49 anos]
- (32) E1 - Como é que cê faz? Você toma medicamento por conta própria?
Inf.: **Eu não tomo nada.** [M – EF – 26 a 49 anos]
- (33) E2 – Mas você tem vergonha... porque?
Inf.: Não sei! Não sei porque. Eu **não sei nem te dizer o porque** [...] [F – EF – 15 a 25 anos]
- (34) Inf.: Ela a família dela toda, então, mas tanto que ela fica na dela e eu fico na minha que são muito unidas nós né? Ela gosta demais de mim eu dela, mas ela é **ela não aceita nunca ser crente** né? [...] [F – EF - > 49 anos]

(35) E1: Exatamente, pagar remédio, pagar tudo!

Inf.: Saí no prejuízo. Também **não criei caso nem nada** deixei pra lá e vim embora [...] [M – EF – 26 a 49 anos]

Há também a ocorrência de dupla negação com estes itens negativos, que da mesma forma que os exemplos (30) a (35) são considerados como concordância negativa (cf. ALKMIM, 2001, p. 144), uma vez que são também interpretados como uma negação simples.

(36) E1: E que que cê acha, cê gosta da escola, cê acha que (inint)

Inf.: **Eu não tenho nada que reclamar não.** [M – EF - 26 a 49 anos]

(37) E 1 era nova? Eu não vi assim.

inf.: Nova. Tinha uns trinta anos, mas eu não conheço. Na minha família **não sei dizer ninguém que passou por isso não** [...] [F – EU – 15 a 25 anos]

(38) E1 - Teve alguma que ele já aprontou, assim, que te marcou muito?

Inf.: Bom, aprontar ele apronta todo dia. Agora, assim, uma coisa assim que eu cheguei bater nele e coisa assim, não. Aprontar é uma coisa de criança mesmo, aprontar e tal. Teve uma vez que eu a **eu não fiquei nem aborrecido não** [...] [M – EF – 26 a 49 anos]

(39) E 1 — Engraçado que os professores têm reclamado demais de indisciplina.

Inf.: Olha, eu trabalhava pra biomédica. O negócio dele era química, biologia, física, ah, eu dava história. A sala era assim, cheia, cheia, cheia porque eu ensinava eles aquilo que... mas eu contava a minha história, quer dizer, eu dava olha então vocês vão [inint] na faculdade. Eles, como você falou, eles pegam, manda aluno pesquisar pra eles. Ah, não. Ser professor é muita responsabilidade. Você tem que saber a matéria, se você souber a matéria e saber transmitir, tentar, **não tem problema nenhum não** [...] [F – EU - > 49 anos]

Sentenças com negação pós-verbal também podem conter reforço negativo.

Vejamos os exemplos:

(40) E1- Uma assim que marcou você.

Inf.: **Marcou nenhuma não.** [M – EF – 15 a 25 anos]

(41) E1- Cê gosta de criança?

Inf.: Gosto. Tenho **nada contra não** tenho duas. [M – EU – 15 a 25 anos]

Vale destacar que ocorrências do tipo (42) e (43):

(42) E2 - E bloco assim de carnaval mesmo.

Inf.: Ah, só quando criança. Bloco mesmo eu **nunca** saí **não**. Eu vou na galera mesmo. [M – EU – 15 a 25 anos]

(43) E 1 – Por que?

Inf.: Ah, **ninguém** quer morrer **não**. [M – EF – 15 a 25 anos]

em que o elemento negativo antecede o verbo, não foram consideradas neste estudo, uma vez que veiculam sentidos diferentes daqueles expressos pela dupla negação formada pelo advérbio *não* antes e depois do verbo.

Em nossos dados, analisamos a relevância desses elementos no sentido de verificar se a presença de reforço negativo diminui a duplicação da negação, uma vez que tais elementos já contêm em si uma negação.

4) Tipo de oração

Esta variável caracteriza-se como um aspecto sintático e leva em conta a função da oração em que a negação aparece.

De um modo geral, tem-se observado nos estudos sobre essa temática um favorecimento às estruturas não canônicas em orações independentes sintaticamente (RONCARATI, 1996; GOLDNADEL *et al*, 2013).

Abaixo temos alguns exemplos de ocorrências registradas em nossos dados com os quatro tipos de orações analisadas (*absolutas, coordenadas, principais e subordinadas*):

Absoluta

(44) E1: A gente tava falando de esporte. E a senhora acompanhou as olimpíadas agora?

Inf.: Ah, não... **eu não gosto**. [F – EF – 26 a 49 anos]

(45) E 1 – Como é a história do mar vermelho? Você lembra?

Inf.: **Não lembro não**. [M – EF – 15 a 25 anos]

(46) E1- Uma assim que marcou você.

Inf.: **Marcou nenhuma não**. [M – EF – 15 a 25 anos]

Principal

- (47) E2 – Cê leva de qualquer jeito.
 Inf.: Mas ele aceita sim, ele é bonzinho, ele é legal. **Não é a toa** que eu gosto dele. [F – EF – 15 a 25 anos]
- (48) Inf.: Eu dei aula à noite pra turma que tava fazendo a quinta série. Eu dei aula de história. Era um colégio que eles iam abrir eu acho que era Castro Alves, não sei que fim que levou aquele colégio, pediram pra, assim, ministrar aula lá à noite no João Bandeira né? Mas **não sei** que fim levou **não**[...] [F – EM - >49 anos]
- (49) Inf.: [...] acho que tem que ser assim. Porque você é crente **você tem** que se privar de tudo **não**, né?[...] [F – EM – 26 a 49 anos]

Coordenada

- (50) E2 – Tribuna ou Gazeta?
 Inf.: Na Tribuna. Aí eu falei assim: ainda bem que eu não assisti que senão ai que vergonha senhor [[risos]], mas nós tava no Horto só faz caminhada. Caminho e só né? Eu tinha vontade fazer é ginástica né? em hidromassagem, esse negócio dentro d'agua né? Mas **por aqui não tem** né?[...] [F – EF - >49 anos]
- (51) E1 - Você faz parte de alguma igreja assim?
 Inf.: Sou católico, **mas não sou muito praticante não**. [M - EU – 26 a 49 anos]
- (52) E1 - Já morou em outro bairro?
 Inf.: Não... sempre morei aqui, **morei em outro bairro não** [...] [M – EF – 26 a 49 anos]

Subordinada

- (53) E 2 - E cê vê aquele então com aquela pelezinha, urgh!
 Inf.: Nunca comeria pele de frango [[rindo]] É uma coisa **que não passa no meu prato!**[..] [F – EU – 15 a 25 anos]
- (54) E1 – Ah, acho que é mais absurdo ainda né? É porque se a gente fala “ah fui assaltado mais não tinha ninguém”, mas mesmo que tivesse, ninguém ia fazer nada.
 Inf – É, tem gente **que não faz mesmo não**. Cê ta vendo acontecer ali e fica quietinho. [M – EM – 26 a 49 anos]
- (55) Inf.: [...] acho **que tenho juízo não**... [F – EF – 26 a 49 anos]

Analisamos este grupo de fatores com o objetivo de verificar se o tipo de oração desempenha algum papel na seleção das variantes, e quais orações favorecem a cada uma das formas negativas.

5) Marcadores conversacionais

Conforme já mencionado anteriormente, o *corpus* analisado nesta pesquisa é formado por entrevistas.

Na interação entre o entrevistador e o entrevistado, observa-se a presença de recursos que “servem de elo de ligação entre unidades comunicativas, de orientadores dos falantes entre si etc.” (MARCUSCHI, 1986, p. 61). Tais recursos são os marcadores conversacionais definidos por Urbano (1993, p. 85) como “elementos típicos da fala, de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomaticidade e significação discursivo-interacional”, que exercem funções importantes na conversação, pois organizam a fala e segundo Macedo e Silva (1996, p. 17) “parecem ter como função principal, a de manter o fluxo da conversa e a harmonia entre os participantes”.

Os marcadores conversacionais do tipo interacional são mecanismos orientadores utilizados pelos falantes para testar o grau de atenção e participação do seu interlocutor.

São específicas as funções de monitoramento do ouvinte ao falante ou a de busca de aprovação discursiva pelo falante em relação ao ouvinte, ou ainda, de sinalizadores de hesitação, de atenuação ou de reformulação por parte do falante, ou ainda, de sua intenção de asserir ou perguntar (URBANO, 1993, p. 100).

Em nossos dados, analisamos os marcadores conversacionais, do tipo interacional (checking): *né?*, *entendeu?* e *sabe?*, localizados ao final das sentenças. Por meio desses recursos, o falante checa a compreensão do que foi dito, mantém a sustentação do turno, indica a entrega do turno a outro interlocutor ou sinaliza o fim do turno (GALEMBECK e CARVALHO, 1997).

(56) E 1 – Sua mãe fala alguma coisa com você.

Inf.: Fala sempre se alguém oferecer assim pra **não aceitar né?** [M – EF – 15 a 25 anos]

(57) E1 - E como que é sua saúde assim.

Inf.: No momento não ando muito bem, ando acima do peso ...tal. Vou de vez em quando dá uma pedalada de bicicleta, mas **não tá no ideal, entendeu?** Malhei até no mês seis, parei [inint] e to tranquilo to normal. Eu acho que to normal, já fui fiz “checape” tá tudo certinho, só to acima do peso só. [M - EU – 15 a 25 anos]

(58) Inf.: É porque é falta de diálogo assim. Meu pai **num tem diálogo com a gente sabe?** Minha mãe já que fala mais, mas o meu pai é mais calado, assim, é mais na dele [...]
[F – EM – 15 a 25 anos]

A variável marcadores conversacionais (*né?, entendeu?, sabe?*) foi analisada com o intuito de verificar a correlação da presença desses recursos com o uso das variantes.

Nossa hipótese é que a presença de marcador conversacional diminua a quantidade de uso de dupla negação e de negação pós-verbal, uma vez que o marcador ocupa a mesma posição que seria do segundo *não* na oração.

6) Tipo de sujeito

O preenchimento do sujeito parece ser uma diferença sintática relevante entre as estruturas de negação. Conforme observam Goldnadel *et al* (2013, p. 52) “os enunciados negativos não canônicos com sujeito realizado são sentidos como menos naturais”. Segundo os autores, por alguma razão, que pode ser de ordem prosódica ou pragmática, os enunciados em que o sujeito está implícito ou é inexistente parecem ser mais tolerantes às estruturas não canônicas (op. cit. p. 52).

Nesta variável, trabalhamos com três categorias de sujeito: implícito, explícito e inexistente, com o intuito de investigar se há uma correlação entre o tipo de sujeito e a variante a ser utilizada.

Explícito

Sujeito explícito é aqui empregado quando há a realização expressa do sujeito:

(59) E1 - Que que ele falava?

Inf.: **Ele** não podia falar nada [...]. [F – EF – 15 a 25 anos]

Implícito

Quando o sujeito está oculto ou indeterminado classificamos como sujeito implícito:

- (60) E 1 – Ah! é história e quê? você pode contar pra gente?
 Inf.: Ah, **não sei** bem a história não. [M – EF – 15 a 15 anos]
- (61) E 1 — É verdade.
 Inf.: **Não tá preparado**. Então como o mundo de hoje tá exigindo mais, então é isso que você te que dizer pra eles. [F- EU - > 49 anos]

Inexistente

Diz respeito à oração sem sujeito:

- (62) E2 – A gente tava até falando lá em casa tem que rezar pra não ficar doente hoje.
 Inf.: É fazer tudo né? Mas **não tem jeito**. [F – EF - >49 anos].

Nossa hipótese é de que a não realização do sujeito favoreça o uso das estruturas não canônicas, sobretudo, da negação pós-verbal que costuma ser vista como uma estrutura fortemente favorecida em orações sem preenchimento do sujeito.

Com base nas variáveis apresentados e nas hipóteses aventadas buscamos verificar os fatores que regem a variação da negação na comunidade de Vitória/ES.

Os resultados encontrados e a análise dos dados compõem o próximo capítulo.

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Para obtenção dos resultados, os dados foram codificados de acordo com as variáveis estabelecidas e submetidos ao Programa Goldvarb X (SANKOFF, SMITH, TAGLIAMONTE, 2005) para tratamento estatístico.

A tabela 3 mostra a distribuição das estruturas de negação usadas na cidade de Vitória/ES, conforme análise dos dados codificados nas dezoito entrevistas do PortVix selecionadas para a realização da pesquisa. Como podemos observar, a dupla negação representa 21,1% em um total de 2.263 dados analisados.

Tabela 3: Distribuição das construções negativas na fala de Vitória

Variantes	Frequência absoluta	Frequência relativa
Negação pré-verbal	1751	77,4%
Dupla negação	478	21,1%
Negação pós-verbal	34	1,5%
Total	2263	100,0%

Em linhas gerais, os resultados apontam que os capixabas da cidade de Vitória/ES usam com frequência a dupla negação, se comparados às outras variedades analisadas neste estudo. O percentual de 21,1% alinha a capital capixaba às cidades nordestinas de Fortaleza/CE com 18% e de Natal/RN com 20,6%, e à cidade de Mariana no estado de Minas Gerais, com 19,5% de ocorrência dessa variante.

Já a negação pós-verbal revela-se infrequente em Vitória, com apenas 1,5% do total de ocorrências. Tal construção costuma apresentar uma frequência mais limitada na maioria das variedades do BP, sendo uma forma mais recorrente nas variedades nordestinas, conforme podemos observar na tabela 4, que contém a distribuição geográfica das variantes da negação apresentada no capítulo 1.

Tabela 4: Distribuição da negação em diferentes localidades urbanas

Cidade	Pré-verbal		Dupla negação		Pós-verbal	
	N	%	N	%	N	%
Vitória (ES)	1751/2263	77,4	478/2263	21,1	34/2263	1,5
Fortaleza (CE)	625/774	77,0	149/774	18,0	39/774	5,0
Natal (RN) Conversacional	308/466	66,1	96/466	20,6	62/466	13,3
Mariana (MG)	1787/2505	71,5	489/2505	19,5	40/2505	1,5
São Paulo (SP)	5279/5607	94,0	354/5607	5,8	4/5607	0,2
Florianópolis (SC)	1018/1065	95,6	47/1065	4,4	-	-
Curitiba (PR)	1371/1408	97,4	37/1408	2,6	-	-
Porto Alegre (RS)	1402/1410	99,4	8/1410	0,6	-	-

Conforme já discutido no capítulo 1, a negação pré-verbal é superior às demais variantes em todas as variedades, com percentuais bastante elevados nas cidades da região sul e na cidade de São Paulo. A dupla negação é pouco produtiva nessas variedades e a negação pós-verbal chega a nem ocorrer nas cidades sulistas.

Tendo em vista que o Goldvarb X é um programa que permite apenas rodadas binárias e que nossa variável dependente é uma variável eneária, isto é, possui três variantes, tínhamos de optar por amalgamar a dupla negação com a negação pós-verbal ou retirar da análise uma das variantes, no caso a negação pós-verbal, pois apresenta uma frequência relativa menor.

A fim de manter as três variantes na análise e poder verificar quais fatores influenciam a cada uma das formas, realizamos três rodadas binárias com o intuito de contrastar as formas e verificar quais variáveis são estatisticamente relevantes para cada uma das variantes testada em contraste com as outras duas amalgamadas.

Conforme orientam Guy e Zilles (2007), a decisão sobre o tipo de variável dependente a ser adotado em cada análise é um passo fundamental para testar

esquemas analíticos binários a partir de uma variável eneária. Assim, as rodadas foram realizadas da seguinte forma:

1º rodada: Negação pré-verbal *versus* dupla negação + negação pós-verbal;

2º rodada: Dupla negação *versus* negação pré-verbal + negação pós-verbal;

3º rodada: Negação pós-verbal *versus* dupla negação + negação pré-verbal.

Os resultados são apresentados nas próximas seções, de acordo com a relevância de cada variável selecionada.

Em nossa pesquisa, a variação de uso das estruturas negativas revelou-se um fenômeno bastante marcado em termos discursivos e sintáticos.

4.1 TIPO DE SEQUÊNCIA DISCURSIVA

Para esta variável, trabalhamos com seis tipos de sequências discursivas: sequências dialogais, sequências avaliativas, sequências narrativas de fatos pessoais, sequências narrativas de fatos não pessoais, sequências descritivas e sequências argumentativas. Entretanto, ao efetuarmos a análise quantitativa dos dados, verificamos algumas células vazias (knockouts) para alguns fatores. Assim, para eliminar esses casos, amalgamamos as sequências narrativas de fatos pessoais, as sequências narrativas de fatos não pessoais e as sequências descritivas como um único fator, por serem linguisticamente semelhantes.

O tipo de sequência discursiva é uma variável de extrema relevância para o uso das estruturas negativas. Essa variável revelou-se a mais influente e a única a ser selecionada para as três variantes nas três rodadas efetuadas. Vejamos a tabela 5:

Tabela 5: Efeito da variável tipo de sequência discursiva

Grupo	Fatores	PRÉ-VERBAL rodada 1			DUPLA NEGAÇÃO rodada 2			PÓS-VERBAL rodada 3		
		N	%	PR	N	%	PR	N	%	PR
Tipo de sequência discursiva	Sequências dialogais	160	46,8	.20	164	48,0	.78	18	5,3	.83
	Sequências avaliativas	403	76,8	.46	115	21,9	.54	7	1,3	.56
	Sequências narrativas	800	84,0	.58	146	15,3	.43	6	0,6	.37
	Sequências argumentativas	388	87,4	.63	53	11,9	.36	3	0,7	.39
	Total	1751/ 2263	77,4	<i>Input</i> 0.800	478/ 2263	21,1	<i>Input</i> 0.186	34/ 2263	1,5	<i>Input</i> 0.010
		<i>Signif.</i> 0.047			<i>Signif.</i> 0.023			<i>Signif.</i> 0.026		

As sequências dialogais são as que mais favorecem a dupla negação, com peso relativo de .78 e a negação pós-verbal, com .83. Nas entrevistas do PortVix há muitas trocas de turno, caracterizando situações mais interativas entre o entrevistador e o entrevistado. As situações interativas com alternância entre os interlocutores, características dos diálogos, favorecem fortemente as variantes não canônicas.

(63) E1 – mas tinha gente no ponto?

Inf.: tinha, tinha.

E1 – ah, acho que é mais absurdo ainda né? é porque se a gente fala “ ah fui assaltado mais não tinha ninguém”, mas mesmo que tivesse ninguém ia fazer nada.

Inf.: é, tem gente que **não faz mesmo não**. Cê ta vendo acontecer ali e fica quietinho.
[M – EM – 26 a 49 anos]

(64) E1 — já pensou pegar uma água.

E2 — e quem tá por perto não pode nem fazer nada.

Inf.: **pode não**. [F – EM - > 49 anos]

As sequências narrativas e as argumentativas geralmente são mais longas e com poucas trocas de turno. Nessas sequências, o falante discorre sobre fatos ou histórias vivenciadas ou não por ele, ou ainda, no caso das sequências

argumentativas, o falante direciona a atividade da fala para demonstrar, justificar ou refutar uma tese, por meio de conhecimentos fundamentados com o intuito de convencer o interlocutor. Essas sequências tendem a favorecer a negação pré-verbal com pesos relativos de .58 e .63, respectivamente.

(65) E1: E pra ter neném foi mais fácil cê acha?

Inf.: **Foi, foi, foi... fácil não foi porque nós fomo para no Hospital das Clínica ali primeiro primeira dor que ela teve.** Aí teve não sei se é acadêmico ou que queria que dar injeção nela de Buscopan [...] [M – EF – 26 a 49 anos]

(66) E1 - Falta de conhecimento do médico né?

Inf.: Foi. Porque ele era antigo né, papai, só que papai faleceu, papai faleceu em setenta e um pra dois mil e dois, quer dizer, trinta e um ano vai fazer trinta e dois anos que papai faleceu. Quer dizer, **há trinta e dois anos atrás a medicina num era o que ela é hoje né** [...] [M – EF - > 49 anos]

Nas sequências avaliativas, que expressam uma avaliação subjetiva do falante sobre determinado assunto, há um leve favorecimento às formas não canônicas, com pesos relativos de .54 para a dupla negação e .56 para a negação pós-verbal.

(67) E1 – huhum

Inf.: **Gosto não de animal não** J. que gosta de porco [...] [F – EF - > 49 anos]

(68) Inf.: [...] depende, se for só um beijinho a pessoa eu pensaria e talvez deixaria assim tal, é pensaria...**mais que isso não perdoaria não** [...] [M –EU – 15 a 25 anos]

Essas sequências, de acordo com Paredes da Silva (1997, p. 89) “parecem estar relacionadas ao grau de subjetividade humana subjacente à atividade da fala, aos recursos de expressividade”. Nesse sentido, o falante tende a mostrar seu ponto de vista de uma forma mais branda sem necessariamente buscar o convencimento de seu interlocutor sobre o que está sendo dito.

Nesse aspecto, as formas não canônicas cumprem uma função mitigadora, em que o falante nega buscando suavizar a negação, uma vez que há um maior envolvimento emocional e mais proximidade com relação ao conteúdo negado.

4.2 AUSÊNCIA OU PRESENÇA DE MARCADORES CONVERSACIONAIS

Conforme apresentado no capítulo 3, os marcadores conversacionais, têm a função de elo de ligação entre as unidades comunicativas na interação entre os falantes.

De acordo com Urbano (1993, p. 85), “são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também como estrutura de interação interpessoal”. Assim, esses elementos estabelecem elos coesivos visando a manter a interação falante/ouvinte auxiliando no planejamento da fala (FREITAG, 2007, p. 2).

Segundo Galembeck e Carvalho (1997, p.18), os marcadores conversacionais do tipo interacional (checking): *né?*, *entendeu?*, *sabe?*, em posição final “tem valor unicamente interacional [...]”.

Na correlação da presença desses recursos e o uso das variantes no *corpus* analisado, observamos que a ocorrência do *não* em posição pós-verbal é bastante restrita na presença de checkings.

Essa variável é de grande importância para a negação pré-verbal e para a dupla negação, porém não se revelou importante estatisticamente para a negação pós-verbal, conforme nos mostra a tabela 6.

Tabela 6: Efeito da variável ausência/presença de marcador conversacional

Grupo	Fatores	PRÉ-VERBAL rodada 1			DUPLA NEGAÇÃO rodada 2			PÓS-VERBAL rodada 3		
		N	%	PR	N	%	PR	N	%	PR
Marcador Conversacional	Ausência	1621	76,4	.48	469	22,1	.52	32	1,5	(.50) ¹²
	Presença	130	92,2	.79	9	6,4	.20	2	1,4	(.47)
	Total	1751/ 2263	77,4	Input 0.800	478/ 2263	21,1	Input 0.186	34/ 2263	1,5	-
				Signif. 0.047			Signif. 0.023			-

¹² Os pesos relativos apresentados entre parênteses são relativos à primeira rodada do *stepping down*.

Como podemos ver na tabela 6, a presença de checkings desfavorece consideravelmente a ocorrência de dupla negação, com peso relativo de .20 contra .52 quando não há marcadores conversacionais.

Os checkings aparecem ao final da sentença, na posição que seria ocupada pelo segundo *não*, o que, ao que tudo indica, contribui para a diminuição do emprego de dupla negação e de negação pós-verbal. Observe os exemplos:

- (69) E2 - Você acha que talvez a violência também muitas vezes entre os próprios jogadores ou é com juiz né? dirigente que avança dentro do campo pra bater em juiz, você acha que isso pode influenciar?
 Inf.: Bom, pode até influenciar, **mas não deveria né?** Se você olhar, o futebol é um jogo de contato corpo a corpo, então, geralmente gera um lance ou outro mais violento, uma entrada, uma falta, não sei [...] [M – EU – 26 a 49 anos]
- (70) E2 - E aí? Qual é a sua sensação?
 Inf.: É interessante... um pouco... tem uma diferença muito grande da minha cabeça pra sua. E quando a minha cabeça começou a ser desenvolvida **eu não tinha imagens, eu não criava imagem, entendeu?**[...] [M – EU - > 49 anos]
- (71) E1 - E você tem alguma esperança assim futura e tal? Agora as eleições, por exemplo, cê tá otimista?
 Inf.: [...] **eu não tenho vontade de votar mais sabe?** [F – EU – 15 a 25 anos].

Das 478 sentenças com dupla negação, apenas 9 contêm marcadores conversacionais, vejamos alguns exemplos:

- (72) Inf.: É, eu tava esperando né? O que viesse tava bom né? Mas a esposa queria tirar ultrassom queria ver, aí tiramos, menino nós já sabia já **não tem como errar não né?** [M – EF – 26 a 49 anos]
- (73) Inf.: Eu **não gosto de me meter não sabe?** [F – EM - >49 anos]

Essa variável não foi selecionada como estatisticamente relevante para a negação pós-verbal. Observamos que, das 34 ocorrências de negação pós-verbal, apenas 2 apresentam marcadores conversacionais:

- (74) Inf.: [...] **o adventista batiza pequeno não, né?** [F – EF - > 49 anos]
- (75) Inf.: [...] acho que tem que ser assim. Porque você é crente **você tem que se privar de tudo não, né?**[...] [F – EM – 26 a 49 anos]

Essa variável também foi analisada por Rocha (2013) e o resultado de sua pesquisa revela que a presença de marcador conversacional desfavorece o uso de dupla negação, com peso relativo de .24, contra .53 para a ausência de marcadores conversacionais (op. cit. p. 63).

Os resultados de Rocha (2013) são muito semelhantes aos encontrados na fala de Vitória/ES, o que reforça a tese de que a posição ocupada pelo marcador conversacional é um fator determinante no uso de negação pré-verbal. Em São Paulo foram encontrados apenas 5,8% de casos de dupla negação e 94% de uso de negação pré-verbal, ou seja, em duas variedades distintas, temos resultados muito próximos para essa variável.

4.3 AUSÊNCIA OU PRESENÇA DE REFORÇO NEGATIVO

O reforço negativo operado pelas palavras *nada, ninguém, nem, nenhum, nunca, nem nada* em coocorrência com o advérbio *não* numa mesma sentença configura-se como uma concordância negativa, uma vez que expressam juntos uma única negação (cf. capítulo 3).

Temos por hipótese que o fato de haver na sentença outro termo negativo juntamente com o advérbio *não* contribua para inibir o uso de mais um *não* na oração, uma vez que esse termo negativo já contém em si uma negação. Vejamos a tabela 7:

Tabela 7: Efeito da variável ausência/presença de reforço negativo

		PRÉ-VERBAL rodada 1			DUPLA NEGAÇÃO rodada 2			PÓS-VERBAL rodada 3		
Grupo	Fatores	N	%	PR	N	%	PR	N	%	PR
Reforço negativo	Ausência	1484	76,1	.48	438	22,5	.52	28	1,4	(.49)
	Presença	267	85,3	.63	40	12,8	.36	6	1,9	(.58)
	Total	1751/ 2263	77,4	<i>Input</i> 0.800	478/ 2263	21,1	<i>Input</i> 0.186	34/ 2263	1,5	-
		<i>Signif.</i> 0.047			<i>Signif.</i> 0.023			-		

Da mesma forma que a variável ausência ou presença de marcador conversacional (item anterior), essa variável também não se mostrou um fator relevante em termos estatísticos para a negação pós-verbal, embora seja importante para as outras duas variantes.

Conforme podemos observar, a presença de reforço negativo desfavorece o emprego da dupla negação, com peso relativo de .36 contra .52 quando não há reforço negativo na oração.

Abaixo, temos alguns exemplos de negação pré-verbal com o uso de reforço negativo:

- (76) Inf.: Ah! tipo assim [inint] como é que se... **Não sei nem explicar direito.**
[M – EF – 15 a 25 anos]
- (77) Inf.: Ela a família dela toda então, mas tanto que ela fica na dela e eu fico na minha que são muito unidas nós né? ela gosta demais de mim eu dela, mas ela **não aceita nunca ser crente né?**[F – EF - > 49 anos]
- (78) Inf.: **Não tenho nada de preconceito.** Assisto, mas preferência de ação.
[M – EU – 15 a 25 anos]
- (79) Inf.: É... ah... **eu não sinto diferença nenhuma...** [F – EF – 26 a 49anos]
- (80) Inf.: Eu acho que na minha família **não tem ninguém que sofre de problema de nervo.**
[F – EF - > 49 anos]

Embora em quantidade menos expressiva, há estruturas negativas com dupla negação e com negação pós-verbal que apresentam reforço negativo. Em nossos dados, das 478 ocorrências de dupla negação, apenas 40 delas contêm reforço negativo. Vejamos alguns exemplos:

- (81) E1: Ela conta alguma história assim das crianças pra você ou não ela mesma resolve?
Inf.: Não. Ela... algum problema assim que que ela acha que coisa assim ela passa pra mim agora negócio de assim... ela... **não tomo participação nenhuma não.** Ela mesma resolve.
[M – EF – 26 a 49 anos]
- (82) E1 – Porque era tráfico?
Inf.: Tráfico de mais. Rapaz, parecia até filme de, nem de terrorismo. **Não é nem bando não.** Bando é quando tem um mocinho normal né? um outro normal de chapéu e o outro ta atirando [...] [M – EM – 26 a 49 anos]

(83) E1 - Artrite?

Inf.: Artrose, isso ela ta. Minha mãe ficou quase um mês em cima da cama né? Não veio médico nenhum. Não veio porque no caso os enfermeiro era pra vim vê. **Não veio ninguém vê ela não.** [F – EM – 26 a 49 anos]

(84) E2 - Meu Deus do céu [[risos]] e o menino ficou agarrado?

Inf.: O patins agarrou nele, beliscou sei lá num:: né? Só que **não foi nada grave não** porque foi muito engraçado [[risos]] [F – EM – 15 a 25 anos]

No caso das negativas pós-verbais, temos apenas 6 estruturas com reforço negativo de um total de 34 ocorrências, conforme os exemplos (85) e (86):

(85) E1- Uma assim que marcou você.

Inf.: **Marcou nenhuma não.** [M – EF – 15 a 25 anos]

(86) E1: - Cê gosta de criança?

Inf.: Gosto. **Tenho nada contra não.** Tenho duas. [M – EU – 15 a 25 anos]

Nossos resultados estão em conformidade com os dados da pesquisa de Rocha (2013) sobre o português paulistano, em que a presença de reforço negativo¹³ desfavorece a dupla negação com peso relativo de .26 contra .53 para a ausência de reforço negativo. A pesquisa de Alkmim (2001) também confirma os resultados aqui apresentados: na cidade de Mariana/MG, a presença de reforço negativo¹⁴ desfavorece a dupla negação, com peso relativo de .29, contra .53 quando não há reforço negativo.

Como se vê, os resultados revelam que três variedades distintas apresentam o mesmo comportamento com relação a esta variável, reafirmando ser este um fator importante no condicionamento das estruturas de negação.

4.4 TIPO DE ORAÇÃO

Nesta variável, foram analisados quatro tipos de orações: absolutas, coordenadas, subordinadas e principais. Em nossos dados, o tipo de oração foi

¹³ Na pesquisa de Rocha (2013), esta variável aparece com o nome “outro” termo negativo na sentença.

¹⁴ Na pesquisa de Alkmim (2001), esta variável é tratada como quantificador negativo.

selecionado como um fator significativo do ponto de vista estatístico para a negação pré-verbal e para a dupla negação. Para a negação pós-verbal essa variável não foi selecionada pelo programa Goldvarb X, vejamos a tabela 8.

Tabela 8: Efeito da variável tipo de oração

Grupo	Fatores	PRÉ-VERBAL			DUPLA NEGAÇÃO			PÓS-VERBAL		
		rodada 1			rodada 2			rodada 3		
		N	%	PR	N	%	PR	N	%	PR
Tipo de oração	Absoluta	68	48,2	.41	63	44,7	.55	10	7,1	(.63)
	Coordenada	1234	78,2	.49	326	20,6	.51	19	1,2	(.50)
	Subordinada	163	77,6	.48	45	21,4	.52	2	1,0	(.44)
	Principal	286	85,9	.61	44	13,2	.39	3	0,9	(.47)
	Total	1751/ 2263	77,4	<i>Input</i> 0.800	478/ 2263	21,1	<i>Input</i> 0.186	34/ 2263	1,5	-
		<i>Signif.</i> 0.047			<i>Signif.</i> 0.023			-		

Conforme podemos observar, em nossa pesquisa as orações principais são as que mais favorecem a negação pré-verbal, com peso relativo de .61. A dupla negação é levemente favorecida pelas orações absolutas, peso relativo de .55.

Entretanto, diferentemente dos resultados encontrados em outras pesquisas, como as de Roncarati (1996), Alkmim (2001) e Goldnadel *et al* (2013), em nossos dados as orações absolutas, as subordinadas e as coordenadas não apresentam diferença estatística.

No estudo de Souza e Lucchesi (2004) sobre as estruturas de negação na comunidade de Helvécia/BA, a ocorrência da dupla negação é favorecida pelas orações absolutas, com peso relativo de .58 e as pelas subordinadas substantivas, que também apresentam peso relativo de .58, resultados semelhantes aos encontrados em Vitória/ES quanto ao tipo de oração que tende a favorecer a dupla negação. Contudo, em nossa pesquisa não fizemos a separação entre os tipos de orações subordinadas, como o fizeram Souza e Lucchesi, mas agrupamos todas as subordinadas como um único fator.

É interessante observar que as subordinadas substantivas parecem ser aquelas que tendem a favorecer a dupla negação. Alkmim (2001) encontrou apenas 14 ocorrências de dupla negação em orações subordinadas e 13 delas em subordinadas substantivas. Goldnadel *et al* (2013) encontraram apenas um caso de dupla negação em oração subordinada e este ocorreu numa subordinada substantiva.

Mesmo não tendo separado os tipos de orações subordinadas, observamos que há uma predominância de subordinadas substantivas em nosso *corpus*, o que poderia explicar, com base no que foi observado nas pesquisas supramencionadas, o favorecimento de dupla negação nas orações subordinadas.

Vale ressaltar, entretanto, que a grande maioria das orações substantivas do nosso *corpus* é introduzida por verbos *dicendi* ou pela expressão *acho que*, conforme exemplificado abaixo:

- (87) Inf.: [...] na verdade *acho que não vai levar não*, mas eu levaria. Se ele tivesse na copa de noventa e oito a gente teria sido campeão [...]. [M – EU – 26 a 49 anos]
- (88) E1- De jeito Nenhum? Mas o quê que você acha disso?
 Inf.: Ela viu, ela foi na casa de um colega meu, ela viu a namorada dele dormindo lá, né? Ela achou o maior estranho. Ela *falou que não deixaria não*. [M – EF – 15 a 25 anos]
- (89) Inf.: [...] aí ele olhou assim estranhou, *falou “não! não precisa fazer não”*[...] [F – EF – 15 a 25 anos]

Observamos, em conformidade com Freitag (2011, p. 2), que:

Construções formadas por verbo + complemento oracional, em dados contextos, podem funcionar como marcadores de processos interacionais atuantes no planejamento e na verbalização da situação comunicativa. Particularmente, construções de verbo *dicendi* cognitivo/perceptual na 1ª pessoa do singular, como: “eu acho que”, “eu penso que”, etc., pela 3ª pessoa do singular, como: “parece que”, “diz que”, etc. e: pela 1ª pessoa do plural, como: “vamos dizer que”, “vamos supor que”, “digamos”, etc., funcionam como estratégias de evidencialidade/modalização.

Podemos supor, portanto, que tais expressões funcionam como marcadores de dúvida ou, de acordo com Caseb-Galvão e Lima-Hernandes (2007, p. 191), como operadores proposicionais ou, ainda, como recurso de sustentação argumentativa. Dessa forma, são modalizadores que expressam polidez, sem que haja um comprometimento com a verdade, já que há remissão para o mundo da incerteza.

Podemos, assim, entender que essas expressões não funcionam como orações principais, mas, sim, como modalizadores da oração seguinte. As orações subordinadas substantivas seriam, então, orações absolutas, que são as que mais favorecem a dupla negação.

Os verbos *dicendi* apresentam um comportamento similar, pois introduzem uma oração, porém apenas como um marcador discursivo e não mais como um verbo. São, portanto, similares a expressões como *acho que*.

4.5 STATUS INFORMACIONAL DO DISCURSO

Conforme descrito no capítulo 2, o emprego das formas não canônicas está correlacionado a restrições discursivo-pragmáticas (SCHWENTER, 2005).

Os resultados para a variável *status* informacional do discurso, tabela 9, revelam que a negação pós-verbal é favorecida pela ativação direta das proposições.

Em nossos dados, a única variante para a qual essa variável foi selecionada pelo programa Goldvab X foi a negação pós-verbal.

Tabela 9: Efeito da variável *status* informacional do discurso

Grupo	Fatores	PRÉ-VERBAL			DUPLA NEGAÇÃO			PÓS-VERBAL		
		rodada 1			rodada 2			rodada 3		
		N	%	PR	N	%	PR	N	%	PR
Status informacional do discurso	Evocado (diretamente Ativado)	496	75,7	(.50)	142	21,7	(.49)	17	2,6	.64
	Inferível (ativado de forma indireta)	1255	78,0	(.50)	336	20,9	(.50)	17	1,1	.44
	Total	1751/ 2263	77,4	-	478/ 2263	21,1	-	34/ 2263	1,5	<i>Input</i> 0.010
			-			-				<i>Signif.</i> 0.026

Esses resultados indicam que a negação pós-verbal é uma variante extremamente sensível a fatores discursivos, pois ela depende de uma ativação direta como um requisito fundamental para favorecer sua ocorrência.

A opção de manter as três variantes na análise e testar esquemas analíticos binários a partir de uma variável eneária revelou que o *status* informacional do discurso é uma variável importante para a negação pós-verbal e que as informações evocadas privilegiam sua ocorrência.

Embora haja negação pós-verbal com proposições inferíveis, (cf. capítulo 1), os resultados da tabela 9 reforçam a hipótese de Schwenter (2005) de que a negação pós-verbal estaria atrelada à ativação direta, pois, de fato, o ambiente mais propício para o emprego dessa estrutura negativa é aquele com proposições evocadas, conforme ilustra o exemplo abaixo:

(90) E1- Você **conhece**?

Inf.: **Conheço não**. Essa aí não. [M – EF – 15 a 25 anos]

Nas pesquisas de Rocha (2013) e de Goldnadel *et al* (2013), essa variável foi selecionada como estatisticamente relevante para a dupla negação, cujo ambiente favorecedor em ambas as pesquisas foi o de proposições evocadas ou diretamente ativadas, com pesos relativos de .73 contra .47 para proposições inferidas em São Paulo e de .78 contra .64 em Florianópolis.

O mesmo perfil não se verifica na comunidade de Vitória/ES, em que o grau de ativação não é um fator significativo para a dupla negação.

4.6 GÊNERO/SEXO

Esta variável foi selecionada como um fator relevante apenas para a negação pré-verbal, veja-se a tabela 10.

Tabela 10: Efeito da variável gênero/sexo

Grupo	Fatores	PRÉ-VERBAL			DUPLA NEGAÇÃO			PÓS-VERBAL		
		rodada 1			rodada 2			rodada 3		
		N	%	PR	N	%	PR	N	%	PR
Gênero/sexo	Masculino	881	77,5	.53	238	20,9	(.47)	18	1,6	(.47)
	Feminino	870	77,3	.47	240	21,3	(.53)	16	1,4	(.52)
	Total	1751/ 2263	77,4	Input 0.800	478/ 2263	21,1	-	34/ 2263	1,5	-
			Signif. 0.047				-		-	

Com base na tabela 10, são os homens que favorecem a negação pré-verbal, peso relativo de .53. Esse resultado não confirma a proposta de Labov (*apud* MEYERHOFF, 2006) de que as mulheres tendem a favorecer as formas padrão em casos de fenômenos de variação estável. Por a variável faixa etária não ter sido selecionada, não podemos pensar em uma mudança em curso. Se fosse esse o caso, poderíamos aplicar o Princípio II da proposta de Labov sobre o Paradoxo do Gênero, princípio esse que considera que “em processos de mudança abaixo do nível de consciência social (*change from below*) as mulheres usam mais as formas inovadoras” (*apud* MEYERHOFF, 2006, p. 214). Observamos, entretanto, que a dupla negação não é um fenômeno estigmatizado pela comunidade de fala de Vitória, posto que seus falantes não percebem o uso dessas formas.

Contudo, esse é um resultado que merece maior reflexão e estudo.

As variáveis selecionadas nas três rodadas realizadas revelaram aspectos interessantes quanto à variação das estruturas negativas.

Pudemos comprovar que o tipo de sequência discursiva é a variável que mais influencia o fenômeno investigado, uma vez que é selecionada em todas as rodadas como sendo a mais significativa para as três variantes.

Os marcadores conversacionais, o reforço negativo e o tipo de oração também se revelam importantes para as duas variantes mais frequentes na fala capixaba, a negação pós-verbal e a dupla negação, contudo, não têm relevância estatística para a negação pós-verbal. Esta, por sua vez, revelou-se uma estrutura sensível ao *status* informacional do discurso, sendo favorecida pela ativação direta das sentenças, o que não aconteceu com as demais variantes.

4.7 VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS

Embora sejam de grande importância para os estudos sociolinguísticos, em nossa pesquisa as variáveis sociais escolaridade e faixa etária não foram selecionadas como sendo significativas para o uso das estruturas de negação.

Em outras pesquisas sobre essa temática, como as de Alkmim (2001) em Mariana/MG, Rocha (2013) em São Paulo/SP e Goldnadel *et al* (2013) nas cidades de Curitiba/PR, Florianópolis/SC e Porto Alegre/RS, a variável escolaridade revelou-se um fator importante para este fenômeno. Nas três pesquisas, os falantes com nível de escolaridade mais baixo são os que favorecem a dupla negação com pesos relativos de .54 para os analfabetos contra .45 de informantes com 2º grau na pesquisa de Alkmim (2001); .57 para falantes de nível médio e .43 para os de nível superior na pesquisa de Rocha (2013) e, por fim, na pesquisa de Goldnadel *et al* (2013), com pesos relativos de .69 para o primário, .49 para o ginásio e .23 para o segundo grau.

A faixa etária também se mostrou relevante na pesquisa de Alkmim (2001), em que a dupla negação é favorecida pelos informantes jovens, com peso relativo de .60 e desfavorecida pelos idosos .39, o que, segundo a autora, é um indicativo de mudança linguística.

Na pesquisa de Rocha (2013), há um leve favorecimento de dupla negação entre os informantes mais velhos (+ de 56 anos), com peso relativo de .54, e um desfavorecimento entre os mais jovens (até 35 anos) com peso relativo de .45.

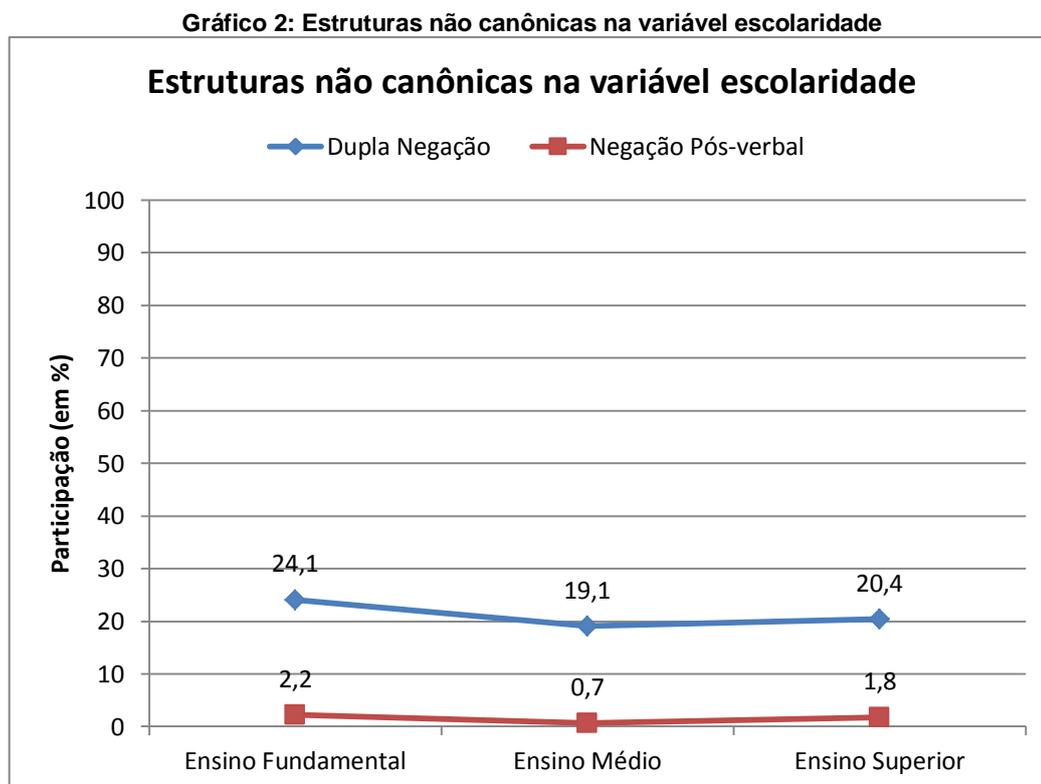
Já a variável gênero/sexo não se mostrou um fator relevante em nenhuma dessas pesquisas.

Na tabela 11, apresentamos os valores percentuais das variantes não selecionadas pelo programa Goldvarb X como estatisticamente relevantes para o uso das estruturas de negação em Vitória/ES.

Tabela 11: Variáveis não selecionadas

VARIÁVEIS	PRÉ-VERBAL		DUPLA NEGAÇÃO		PÓS-VERBAL	
	N	%	N	%	N	%
Escolaridade						
E. Fundamental	544	73,7	178	24,1	16	2,2
E. Médio	695	80,2	166	19,1	6	0,7
E. Universitário	512	77,8	134	20,4	12	1,8
Faixa etária						
15 a 25 anos	566	76,0	164	22,0	15	2,0
26 a 49 anos	557	78,5	146	20,6	7	1,0
> 49 anos	628	77,7	168	20,8	12	1,5
Tipo de sujeito						
Explícito	813	80,3	192	19,0	8	0,8
Implícito	501	75,9	145	22,0	14	2,1
Inexistente	437	74,1	141	23,9	12	2,0
Total	1751/2263	77,4	478/2263	21,1	34/2263	1,5

Conforme podemos observar na tabela 11, a dupla negação e a negação pós-verbal são mais frequentes entre os informantes de nível fundamental com 24,1% e 2,2%, respectivamente. Entretanto, não há uma curva decrescente desse uso, pois os falantes de ensino médio são os que menos favorecem essas variantes.



A hipótese levantada por nós é a de que os falantes mais escolarizados usassem menos as formas não canônicas, que, por conseguinte, seriam mais empregadas na fala daqueles com menor nível de escolarização. O gráfico 2 inicialmente aponta em direção à nossa expectativa, pois são os falantes de nível fundamental que mais fazem uso dessas formas. Mas, não segue a mesma proporção nos demais níveis de escolarização. Contudo, as diferenças são pequenas e essa variável não se mostrou relevante do ponto de vista estatístico em Vitória/ES.

Os dados referentes à variável faixa etária revelam que a dupla negação é ligeiramente mais frequente entre os falantes mais jovens, com 22,0%. Todavia, não há relevância estatística e as diferenças de frequências relativas são insignificantes para que se faça qualquer suposição com relação a um possível processo de mudança linguística em tempo aparente nesta comunidade.

O tipo de sujeito foi a única variável linguística não selecionada para nenhuma das variantes analisadas. A dupla negação é levemente favorecida pelo tipo de

sujeito inexistente com percentual de 23,9%, seguida pelo sujeito implícito com 22,0%. Já o sujeito explícito favorece a negação pré-verbal com 80,3% de ocorrência.

A negação pós-verbal também é favorecida pelo não preenchimento do sujeito, com 2,1% para o sujeito implícito e 2,0% para o sujeito inexistente.

Esses resultados, ainda que pouco expressivos, revelam que o sujeito não preenchido tende a favorecer as estruturas não canônicas, sobretudo, a negação pós-verbal que contém apenas 8 casos de sujeito explícito das 34 ocorrências registradas.

(91) E 1 – E você, ela não quis mais namorar, continuar.

Inf.: Não, não. **Ela** mora aqui não. [M – EF – 15 a 25 anos]

Na pesquisa de Roncarati (1996), também se verificou um favorecimento às estruturas não padrão quando não há preenchimento do sujeito, com peso relativo de .56 para o sujeito cancelado contra .47 de sujeito lexicalizado e .48 de sujeito existencial para a dupla negação e .64 com o sujeito cancelado, .20 para o sujeito lexicalizado e .70 para o existencial para a negação pós-verbal.

Por outro lado, os resultados de Alkmim (2001) mostram que a dupla negação ocorre com mais frequência em construções com retenção de sujeito, peso relativo .55 contra .47 para a supressão do sujeito. Já a negação pós-verbal é fortemente favorecida pela supressão de sujeito, peso relativo de .70 contra .25 com retenção de sujeito.

Com base no que foi apresentado, observa-se que a variável tipo de sujeito mostrou-se, em outras pesquisas, um fator relevante no uso das estruturas de negação, todavia, não há um padrão sobre o tipo de sujeito que mais favorece a dupla negação, pois os resultados variam de acordo com cada estudo. Já a negação pós-verbal mostrou um perfil similar nas pesquisas apresentadas, sendo favorecida pela não realização do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, analisamos o uso das estruturas de negação no português falado na cidade Vitória/ES a fim de ampliar os estudos sociolinguísticos sobre a fala capixaba e situar essa variedade no cenário do português brasileiro.

Entre as restrições mais importantes que atuam sobre o uso das formas não padrão, destacam-se as discursivas. Entre elas, o *status* informacional do discurso, já que as informações novas só admitem a negação pré-verbal. Além disso, esta variável mostrou-se significativa para a negação pós-verbal, que é fortemente favorecida em ambientes com informação diretamente ativada.

Verificamos, também, que o tipo de sequência discursiva é extremamente importante. Os diálogos são sequências que caracterizam a entrevista e favorecem a dupla negação e a negação pós-verbal, ao passo que as sequências mais longas e com poucas trocas de turno, como as narrativas e as argumentativas, favorecem a negação pré-verbal.

Outro fator de natureza discursiva que exerce grande influência é a presença de reforço negativo: o uso das palavras negativas *nem, nenhum, nunca, ninguém, nada e nem nada*, em coocorrência com o advérbio *não* numa mesma sentença, configura-se como uma concordância negativa que resulta em uma única negação, porém reforçada pela presença de um outro item negativo, e contribui para a diminuição de dupla negação.

Além disso, os marcadores conversacionais do tipo interacional (checking): *né?, entendeu?, sabe?*, que são discursivos, são importantes no condicionamento da negação. Entretanto, para esse fenômeno, sua atuação pode também ser entendida como um fator de natureza sintática, uma vez que, por ocuparem a mesma posição do segundo *não* na oração, sua presença diminui a ocorrência de dupla negação.

Entre as variáveis sociais, apenas o gênero/sexo foi selecionado como um fator importante para a negação pré-verbal, em que os homens favorecem a forma padrão. As demais variáveis sociais não se mostraram relevantes estatisticamente para o uso da negação.

Com base na Teoria Variacionista, buscamos compreender a sistematicidade da variação, de modo a cooperar para o entendimento da variação linguística relativa ao uso das estratégias de negação na língua falada e contribuir com pesquisas realizadas em outras localidades do Brasil.

Um dos objetivos elencados nesta pesquisa foi ampliar os estudos sociolinguísticos sobre a variação da negação no cenário do PB. Os resultados revelaram que a dupla negação é uma tendência na fala do capixaba, atingindo um percentual de 21,1% dos 2263 dados analisados. Nossos resultados se aproximam dos resultados encontrados nas regiões nordeste - em Natal (20,6%) e Fortaleza (18%) -, sudeste - em Mariana/MG (19,5%), e se afastam dos obtidos na cidade de São Paulo (5,8%) e da região sul - Curitiba (2,6%), Florianópolis (4,4%) e Porto Alegre (0,6%), onde predomina a negação pré-verbal.

A partir desses resultados, verifica-se que o número de ocorrências de dupla negação encontrado nas regiões nordeste e sudeste, exceto na cidade de São Paulo, é significativo.

A capital capixaba localiza-se em um espaço intermediário entre as regiões nordeste e sul. A cidade de Vitória apresenta uma inclinação ao emprego da dupla negação e uma simetria com as capitais nordestinas com relação a essa variante.

Já a negação pós-verbal é uma variante mais comum na fala nordestina e seu uso é mais restrito em Vitória e nas demais variedades apresentadas.

De modo geral, esses resultados parecem indicar que o aspecto geográfico é um fator relevante no uso das variantes da negação, contudo, é importante salientar, conforme explicitam Naro e Scherre (2007, p. 174), que a comparação entre pesquisas diferentes requer cautela, pois é preciso observar se os dados analisados são da mesma natureza, bem como se estão sendo consideradas as mesmas variáveis e, na medida do possível, os mesmos critérios de análise.

Conforme mencionado no capítulo 1, as pesquisas apresentadas são provenientes de amostras compostas por entrevistas de base sociolinguística, sendo uma delas, a de Natal/RN, composta por uma amostra conversacional. Verificamos algumas diferenciações com relação às variáveis consideradas nas análises, contudo, nosso objetivo principal foi observar a distribuição de uso das estruturas de

negação em diferentes localidades. Nesse sentido, as reflexões foram realizadas de forma moderada com vistas a mostrar os índices de usos das variantes em cada região e verificar o alinhamento da capital capixaba no cenário do PB.

Em suma, nesta pesquisa examinamos a língua em situações reais de uso, visando a sistematizar a variação pela quantificação das variáveis linguísticas e sociais. Com base na Teoria Sociolinguística, buscamos confirmar a importância do fator social nos estudos sobre a linguagem, embora em nosso estudo os fatores sociais não tenham apresentado grande efeito sobre o fenômeno investigado, que é condicionado por fatores linguísticos. Contudo, é importante ressaltar que foi por meio da correlação de tais fatores aos aspectos sociais que pudemos observar as restrições e motivações na variação das estruturas de negação.

Nesta perspectiva, acreditamos que os resultados encontrados sejam relevantes para a compreensão dos fatores que atuam na variação das estruturas de negação, contudo, alguns aspectos, como a prosódia, ainda poderão ser investigados em pesquisas ulteriores, pois, conforme se verificou neste estudo, a negação é influenciada por fatores de natureza sintática, como os marcadores conversacionais, por exemplo, nos quais pode haver uma questão prosódica envolvida, tendo em vista que a sintaxe e a prosódia estão imbricadas e uma pode existir em função da outra.

A observação dos enunciados negativos parece indicar diferenças prosódicas entre as três formas de negação. É possível que nas construções com negação pós-verbal haja a ocorrência de uma pronúncia nasalizada do primeiro *não* que, nesse caso, poderia ser considerada como dupla negação. Além disso, os enunciados com dupla negação podem ser enfáticos ou não enfáticos e, assim, apresentar diferenciações que possivelmente teriam funções distintas.

Por fim, vale ressaltar que as reflexões sobre esse fenômeno variável não se limitam neste momento e poderão ser ampliadas em pesquisas futuras. Os resultados encontrados estimulam o desejo de um maior aprofundamento nas análises, de modo a entender cada vez mais o uso variável das estruturas de negação.

De modo geral, este estudo contribui para a compreensão de fenômenos linguísticos variáveis e coloca em cena a comunidade de Vitória/ES.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALKMIM, Mônica Guieiro Ramalho de. **As negativas sentenciais no dialeto mineiro**: uma abordagem variacionista. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2001.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES Anna Cristina (orgs). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BONVINI, Emilio. **Línguas africanas e português falado no Brasil**. África no Brasil. Disponível em:
<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Lingua_Portuguesa/dissertacao/Aslinguas_escravos_brasil.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2014.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Gramaticalização e ensino. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos L.; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007, p. 157-195.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

DADOS SOBRE VITÓRIA. Disponível em
<<http://www.achetudoeregiao.com.br/es/vitoria/geografia.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Secretaria de Estado de Economia e Planejamento. Instituto Jones dos Santos Neves. **Implantação de projetos de grande porte no Espírito Santo**: análise do quadro socioeconômico e territorial na fronteira de expansão metropolitana sul capixaba. Vitória, ES, 2011. Disponível em:
<www.ijsn.es.gov.br/Sitio/index.php?option=com_attachments...id...>. Acesso em: 22 mai. 2013.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: uma variável sociolinguística complexa. **Revista Línguas e Letras**. v. 6, n. 2, p.105-121, jan./jun., 2005. Disponível em:
<<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewArticle/875>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

_____. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem. **Interdisciplinar**, v. 4, nº 4 – p. 22-43, Jul/Dez de 2007. Disponível em: <[HTTP://200.17.141.110/periódicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_4/INTER4_Pg_22_43.pdf](http://200.17.141.110/periódicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_4/INTER4_Pg_22_43.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2013.

_____. **Da gramática ao discurso**: procedimentos metodológicos para o estudo de marcadores discursivos. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO DISCURSO ALED, IX. Anais. Belo Horizonte, 2011. Disponível em <<file:///C:/Users/home/Downloads/Anais%20Aled%202011%20%20Da%20gram%C3%A1tica%20ao%20discurso.pdf>>. Acesso em 15 abr. 2014.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA; VOTRE; CEZÁRIO (Org.). **Gramaticalização no Português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. Variação e mudança no domínio funcional da negação. **GRAGOATÁ**, Niterói, 2000, n. 9, p. 155-170, 2. sem.

_____. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. **DELTA**, 2001, vol.17, nº 1, p.1-30.

GALEMBECK, Paulo de Tarso; CARVALHO, Kelly Alessandra. **Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo (Projeto NURC/SP)**, (1997) Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/4100/2746>>. Acesso em: 30 out. 2013.

GOLDNADEL, Marcos, *et al.* Estratégias alternativas de negação sentencial na região sul do Brasil: análise da influência de fatores pragmáticos a partir de dados do projeto Varsul. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 21, n 2, p. 35-74, jul./dez. 2013. Disponível em: <www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/.../4558>. Acesso em: 20 fev. 2014.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES – IJSN. **Dados sobre Censo 2010**. Disponível em: <www.ijsn.es.gov.br>. Acesso em: 25 jan. 2014.

JESPERSEN, Otto. **Negation in English and other languages**. Kobenhan AF. Host, 1917. Disponível em: <<https://archive.org/details/cu31924026632947>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

LABOV, William. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, nº 44. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LAVANDERA, Beatriz R. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language in Society**, vol. 7. Londres, 1978, p. 171-182. Disponível em: <<http://lingo.stanford.edu/sag/L204/syll/BL/>>. Acesso em: 11 jan. 2014.

LEMLE, Miriam. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. In: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro (org.). **Linguística e ensino do vernáculo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

MACEDO, Fernando Cezar; MAGALHÃES, Diogo Franco. Formação econômica do Espírito Santo: do isolamento econômico à inserção aos mercados nacional e internacional. **Revista de História Regional** 16 (1): 61-99, Verão, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2421/2214>>. Acesso em: 30 nov. 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MELLO, Heliana R. de. *et al.* O português vernáculo do Brasil. In: PERL, Matthias; SCHWEGLER, Armin. **América Negra: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas**. Frankfurt am Main: Vervuert, 1998.

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing sociolinguistics**. London and New York: Taylor & Francis Group, 2006.

MIOTO, Carlos. **Negação sentencial no português brasileiro e teoria da gramática**. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas – SP, 1992.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOREIRA, Thaís Helena; PERRONE, Adriano. **História e geografia do Espírito Santo**. 9. ed. Vitória, Editoração Eletrônica: Sérgio Marvila – Gráfica Sodré, 2008.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007.

NOLL, Volker. **O português brasileiro: formação e contrastes**. Tradução de Mário Eduardo Viáro. São Paulo: Globo, 2008.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: contexto, 2007.

PAIVA, Maria da Conceição de; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Retrospectiva Sociolinguística: Contribuições do Peul. **DELTA**, vol.15 special issue. São Paulo, 1999. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102>. Acesso em: 12 jan. 2013.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Forma e função nos gêneros de discurso. **Alfa revista de Linguística**, São Paulo, 1997, v. 41, p. 79-98.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. **A negação em algumas línguas do grupo banto**. Estudos Linguísticos XXXIII, p. 268-273, 2004. Disponível em:<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunic/a_negacao_banto.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2014.

POLÁŠEK, Metoděj. **Concordância negativa em português e a sua evolução**. Études Romanes de Brno, 2010. Disponível em: <dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4363932.pdf>. Acesso em 30 de jan. de 2014.

ROCHA, Rafael Stoppa. **A negação dupla no português paulistano**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. Dissertação de Mestrado.

RONCARATI, Cláudia. A negação no português falado. In: MACEDO, Alzira Tavares de; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília (orgs). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996, p. 97-112.

SALETTTO, Nara. **Sobre a composição étnica da população capixaba.** Dimensões, Vitória, n.11, p. 99-109, 2000. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/planet/anpuhes/ensaio25.htm>>. Acesso em 12 de janeiro de 2014.

SALLES FILHO, Antônio. **A negação em Vila dos Confins.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Elen. Goldvarb X - **A multivariate analysis application.** Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

_____. Speech Community. In: **Encyclopedia of Language & Linguistics.** 2 ed. Oxford: Elsevier, 2006, v. 11, p. 716-722.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 121-146. 1ª parte, 2011.

SCHWENTER, Scott A. **The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese,** 2005. Disponível em: <<http://people.cohums.ohio-state.edu/schwenter1/lingua.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. A questão regional e a dinâmica econômica do Espírito Santo - 1950/1990. **Revista de História e Estudos Culturais.** v. 6, Ano VI, n. 4, dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF21/ARTIGO_10_Maria_da_Penha_Smarzaró_Siqueira.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2014.

SILVA, Giselle, Machline de Oliveira e; MACEDO, Alzira Tavares de. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, Alzira Tavares de; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília (orgs). **Varição e discurso.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.

SOUZA, Arivaldo Sacramento; LUCHESE, Dante. **As estruturas de negação em uma comunidade afro-brasileira:** Helvécia – BA, 2004. Disponível em <www.hyperion.ufba.br/_texts/2004-2/arivaldosouza.doc>. Acesso em: 03 mar. 2013.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1997.

VITRAL, Lorenzo. A negação: teoria da checagem e mudança linguística. **DELTA**, nº 15, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244501999000100003&script=sci_arttext.>. Acesso em: 10 dez. 2013.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (orgs). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: contexto, 2007.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino. (org). **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCHUSP, 1993.

WEINER, Judith; LABOV, William. Constraints on the agentless passive. **Journal of linguistics**. 19(1), 1983 [1977]. Disponível em: <http://idiom.ucsd.edu/~rlevy/lign251/fall2007/cedergren-labov-1983.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2014.

WEINREICH, Uriel; LABOV William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

YACOVENCO, Lilian Coutinho *et al.* Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. **Revista Alfa**, 2012, N. 56 (3): 771-806.